

Rosa Caudillano/Fotograma

# Herdeiros de Zumbi

Nos 300 anos da morte de Zumbi dos Palmares, os negros se batem contra aquela que julgam a pior forma de discriminação: o racismo dissimulado, com vergonha de mostrar a sua cara. Págs. 6, 7 e 8

# Autonomia, de fato e de direito.

ROBERTO ROMANO



As universidades públicas, no Brasil e no Estado de São Paulo, chegaram à encruzilhada mais perigosa de sua história. Ou elas definem o lugar que lhes compete, ou desaparecem. Um dado preocupante é a hostilidade do poder executivo.

Quando a USP era a única forma pública de ensino superior, o Governo mantinha com ela relações privilegiadas. Esta proteção, entretanto, impediu atividades do câmpus com a sociedade civil, o Legislativo, o Judiciário. Segundo o modelo político da Federação, o Executivo formalmente abarca a iniciativa em todas as áreas da atividade sócio-política. O regime castrense, no qual se buscava tudo enquadrar em rígidas normas disciplinares, piorou este quadro. Reformas na pesquisa e no ensino superior, como no acordo MEC-USAID, foram impostas aos câmpus, não raro manu militari.

O Brasil que agora se democratiza tem pouquíssimos quadros técnicos e científicos para agilizar novas instituições. As suas formas administrativas estão à beira do caos. É impossível manter a rota atual em que o Executivo, nominalmente todopoderoso, torna-se refém do Parlamento e este, por sua vez, abdica do mandato que lhe é próprio em proveito do Governo, com a complacente e alheia observação do Judiciário. Este regime de pleno desgoverno impede a administração ágil da coisa pública, asfixia as liberdades, prejudica os produtores econômicos, ameaça a cultura. Na geração de saberes e de quadros, as instituições universitárias estaduais paulistas estão na linha de ponta, com altos padrões de qualidade.

Por que, então, o Governo de São Paulo hostiliza os câmpus? Devido ao vínculo anterior entre ele e os universitários. Após o nascimento da Unicamp e da UNESP, e depois de atravessarmos o período militar, a ampla democratização em curso no País modificou o nexo entre autoridades acadêmicas e poder público. Mas este último, até hoje, para os dirigentes universitários — salvo a exceção lúcida do reitor da UNESP, Arthur Roquete de Macedo — é sinônimo de Executivo. A Constituição de 1988 consagra o princípio da autonomia universitária. Mas, presas aos antigos hábitos trazidos pela proteção do Governo, as universidades não buscaram o poder legítimo para garantir o seu status autônomo. Desse modo, confirmando o costume da iniciativa autoritária do Executivo, nossa autonomia foi "concedida" pelo governo do Estado.

Durante os anos em que viveu com autonomia concedida por um decreto do Executivo, a comunidade acadêmica, como um todo, não procurou o Legislativo e o



Judiciário para dar-se conta de sua real condição jurídica. Não se efetivou uma Lei Orgânica das Universidades Públicas. Nem nos aproximamos dos representantes do povo, e dos juristas, nem temos o patrocínio do Executivo. Este último começou a ver nas universidades apenas um gasto excessivo que ajuda a destruir as finanças do Estado. Não cabe mostrar o equívoco e a ignorância sobre a universidade em que submergem muitos elementos do Governo. As instituições públicas de pesquisa não são perigosas e inúteis "fontes de despesas". Desde quando a USP foi fundada, e depois, com o aporte da Unicamp e da UNESP, a

sociedade civil — das indústrias aos sindicatos, destes às mais refinadas formas artísticas — e o Estado só lucraram com as pesquisas científicas nelas desenvolvidas com dinheiro público.

Para gerir seu imenso patrimônio, material e espiritual, as universidades precisam de uma Lei que as retire da condição de um anexo do Executivo, dando-lhes real estatuto de instituições de Estado, no mais amplo sentido. Isso lhes dará forças para aprofundar seus vínculos com a sociedade, na produção econômica e cultural, sem prejuízos causados pelas mudanças de conjuntura. Para atingir

este alvo, é básico que as divergências menores — grupais ou inter-universitárias — sejam atenuadas por atos de vontade política. As universidades públicas de São Paulo entram na maioria. Mas, devido à tradição antidemocrática que se reflete mesmo em seu interior, elas mostram espantosa alienação diante de seu futuro institucional. Preocupa o fato de autoridades acadêmicas e associações docentes não terem conseguido encetar um diálogo institucional permanente, dando a impressão de que seus encontros não podem ir além dos problemas salariais.

Só um "pacto social" nas três universidades e entre elas, criando mecanismos de emergência para assegurar, institucional e legalmente, a sua autonomia e integridade, pode fornecer o impulso para a luta acadêmica, cuja premissa e corolário é a autonomia de nossa terra em ciência, técnica, política, soberania. Um país com milhões de miseráveis e analfabetos tecnológicos não pode garantir-se enquanto Estado autônomo entre as outras nacionalidades. O acúmulo produzido pelas universidades públicas de São Paulo é penhor e garantia de unidade Federativa. A pesquisa de nossos institutos, em determinados setores, pode ser comparada às melhores do mundo. Isso precisa ser dito à população desinformada pelo privatismo, às autoridades, aos próprios acadêmicos e alunos. É fundamental produzir meios para acelerar o diálogo com os poderes públicos. Como primeiro passo nesse sentido, foi encaminhado um documento ao reitor da UNESP e aos diretores das unidades, com a sugestão de que seja discutido numa próxima reunião do Conselho Universitário. Como todo esboço de trabalho — e não mais uma salmodia de lamentos —, ele deve ser modificado no debate. Este, entretanto, não pode alongar-se em demasia, para que não percamos o instante exato de nossa inserção na História.

Roberto Romano é professor titular do Departamento de Filosofia do Instituto de Filosofia e de Ciências Humanas da Unicamp.

**unesp**

Reitor: Arthur Roquete de Macedo  
Vice-reitor: Antonio Manoel dos Santos Silva  
Pró-reitor de Administração: José Carlos Souza Trindade  
Pró-reitora de Graduação: Maria Aparecida Viggiani Bicudo  
Pró-reitor de Pós-Graduação e Pesquisa: José Ribeiro Júnior  
Pró-reitor de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários: Vagner José Oliva  
Secretário Geral: Darvin Belg  
Diretores das Unidades Universitárias: João César Bedran de Castro (FO-Araçatuba), Francisco Miguel Belda Neto

(FCF-Araçatuba), Luís Roberto de Toledo Ramalho (FO-Araçatuba), Telmo Correia Arrais (FCL-Araçatuba), Cristo Bladimiro Mellios (IQ-Araçatuba), Carlos Eriyani Fantinati (FCL-Assis), Ivan Aparecido Manoel (FAAC-Bauru), Jehud Bortolozzi (FC-Bauru), Ivan de Domenico Valarelli (FET-Bauru), Ricardo Antônio de Arruda Veiga (FCA-Botucatu), Luiz Antônio Vane (FM-Botucatu), Luís Antônio Toledo (IB-Botucatu), Frederico Ozanam Papa (FMVZ-Botucatu), Neide Aparecida de Souza Leffeld (FHDSS-Franca), Herman Jacobus C. Voorwald (FE-Guaratinguetá), Laurence Duarte Colvara (FE-Ilha Solteira), Júlio César Durigan (FCVA-Jaboticabal), Cândido Giraldez Vieitez (FFC-Marília), Alvanir de Figueiredo (FCT-

Presidente Prudente), Osvaldo Aulino da Silva (IB-Rio Claro), Marcos Aurélio F. de Oliveira (IGCE-Rio Claro), Wilson Maurício Tadini (Ibilce-São José do Rio Preto), José Eduardo Junho de Araújo (FO-São José dos Campos) e John Edward Boudler (IA-São Paulo).

## JORNAL DA UNESP

Editor chefe: José Roberto Ferreira  
Editor: Paulo Velloso  
Redação: Tânia Belickas e Waltair Martão  
Editor de Arte: Celso Pupo  
Fotografia: Monica Richter  
Colaboraram nesta edição: Celso Góes, Marcos Del Roio e Roberto Romano (texto), Orlando, Osvaldo e Paulo Zilberman (ilustração), Fernando Nogueiro e Paulo

Nunes Rocha (editoração eletrônica)  
Produção: Mara Regina Marcatto e Patricia do Carmo  
Revisão: Maria Luiza Simões  
Pesquisa: Dedoc/Abril  
Tiragem: 25.000 exemplares

Este jornal, órgão da Reitoria da UNESP, é elaborado mensalmente pela Assessoria de Comunicação e Imprensa. A reprodução de artigos, reportagens ou notícias é permitida, desde que citada a fonte.

Endereço: Alameda Santos, 647, 13º andar, CEP 01419-001, São Paulo, SP. Telefone (011) 252-0323 e 252-0327. Fax (011) 252-0207.

Fotolito e Impressão: IMESP

# O melhor desempenho entre as estaduais

**Vestibular da UNESP tem seis cursos entre os doze mais procurados do Estado**

Nas inscrições para o Vestibular/96 a UNESP apresentou o melhor desempenho entre as universidades estaduais paulistas. Pelo segundo ano consecutivo, Medicina, no câmpus de Botucatu, é o curso mais concorrido do País. São 136,9 vestibulandos disputando uma vaga. No ano passado, eram 134,7. Na Unicamp, a relação candidato/vaga no curso de Medicina foi de 114,76 e, na Faculdade de Medicina da USP, em São Paulo, a proporção foi de 51 candidatos para uma vaga. Na lista dos doze cursos mais procurados nas universidades do Estado, seis são da UNESP, que mantém a média do ano passado (veja quadro ao lado). Contrariando o crescimento no número de inscrições registrado nos sete últimos anos, o Vestibular/96 da UNESP teve queda de 1,15%. Foram 70.197 inscritos ao exame do ano passado, contra 69.396 em 96. Um percentual insignificante, se for comparado à queda registrada nas demais universidades públicas do Estado. A Unicamp teve redução de 18% no número de candidatos e a Fuvest, 11,8%. A procura pelos cursos de licenciatura, entretanto, cresceu 30% na UNESP. No curso de Química (noturno) do Instituto de Química do câmpus de Araraquara, por exemplo, 5,9 candidatos disputaram uma vaga, em 1995; em 96, foram 15.

Para o professor Carlos Felício Vanni, diretor-presidente da Fundação para o Vestibular da UNESP (Vunesp), a demanda maior pelos cursos de licenciatura é decorrência do convênio assinado entre a Universidade e a Secretaria Estadual de Educação de São Paulo, que isentou 4.883 alunos da rede pública da taxa de inscrição, de R\$ 47,50. A condição para o não pagamento da taxa era o estudante se inscrever num dos 50 cursos de licenciatura oferecidos pela Universidade. "Sem dúvida, o convênio influenciou o aumento da procura, mas é difícil dizer em quanto", explica.

De acordo com Vanni, a redução de inscritos no Vestibular da UNESP foi pequena em relação à USP e Unicamp, entre outros motivos, pelo fato de a Universidade estar distribuída estrategicamente por catorze cidades do interior paulista e, portanto, mais próxima das regiões de origem dos vestibulandos. "O estudante não precisa deslocar-se para a capital para cursar uma boa faculdade", diz. Vanni afirma ainda que cresceu o número de inscrições nos postos do interior do Estado (73 candidatos a mais) e na capital (639). Entre os cursos que tiveram o maior aumento na procura estão Psicologia (noturno) do câmpus de Assis e Matemática (noturno), em Bauru.

## RELAÇÃO CANDIDATO/VAGA PARA OS CURSOS DA UNESP

CURSOS	CANDIDATO/VAGA		CURSOS	CANDIDATO/VAGA	
	Em 95	Em 96		Em 95	Em 96
<b>BIOLÓGICAS</b>					
Agronomia (Botucatu - int.)	10,1	7,8	Comunicação social - rel. públicas (Bauru - not.)	12,7	11,3
Agronomia (Ilha Solteira - int.)	9,1	5,8	Desenho industrial - progr. visual (Bauru - mat.)	11,1	8,8
Agronomia (Jaboticabal - int.)	9,2	8,6	Desenho industrial - progr. visual (Bauru - not.)	8,3	6,9
Ciências biológicas (lic. Assis - int.)	8,3	9,1	Desenho industrial - progr. do produto (Bauru - not.)	8,2	5,4
Ciências biológicas (lic. Bauru - not.)	8,7	10,5	Direito (Franca - mat.)	70,4	59,8
Ciências biológicas (bach/lic. Botucatu - int.)	25,9	32,5	Direito (Franca - not.)	40,5	38
Ciências biológicas (bach. Rio Claro - int.)	18,7	17,1	Ed. artística (hab. artes plásticas. Bauru - not.)	3,6	5,2
Ciências biológicas (lic. Rio Claro - int.)	7,9	10,2	Ed. artística (hab. artes plást. e música. S. P. - mat.)	4,3	10,7
Ciências biológicas (bach. S. J. do Rio Preto - int.)	12,7	9	Filosofia (lic. Marília - not.)	2,5	3,9
Ciências biológicas (lic. S. J. do Rio Preto - int.)	4,9	9,7	Geografia (bach/lic. Presidente Prudente - mat.)	2,6	2,3
Ecologia (Rio Claro - int.)	5,8	6,8	Geografia (bach/lic. Presidente Prudente - not.)	4,7	5,3
Educação física (lic. Bauru - int.)	6,2	9,8	Geografia (bach/lic. Rio Claro - int.)	3,9	4,8
Educação física (lic. Presidente Prudente - mat.)	4,2	5,3	História (lic. Assis - mat.)	2,7	3,2
Educação física (lic. Presidente Prudente - not.)	5,6	9,3	História (lic. Assis - not.)	2,8	4,3
Educação física (bach. Rio Claro - int.)	7,5	7,6	História (bach/lic. Franca - mat.)	2,7	4,5
Educação física (lic. Rio Claro - int.)	6,6	13,5	História (bach/lic. Franca - not.)	4,1	5,9
Engenharia (Botucatu - int.)	23,9	19,9	Letras (bach/lic. Araraquara - diur.)	5,7	7,2
Engenharia florestal (Botucatu - int.)	7,8	6,4	Letras (bach/lic. Araraquara - not.)	5,5	8,1
Farmácia-bioquímica (Araraquara - int.)	39,9	34,7	Letras (lic. Assis - mat.)	2,8	3,2
Fisioterapia (Presidenta Prudente - int.)	38,6	41,2	Letras (lic. Assis - not.)	3,4	3,9
Fonoaudiologia (Marília - int.)	19,5	18,3	Letras (lic. São José do Rio Preto - diur.)	4,9	6,1
Medicina (Botucatu - int.)	134,7	136,9	Letras (lic. São José do Rio Preto - not.)	6,4	7,8
Odontologia (Araçatuba - int.)	33,6	35,2	Letras (tradutor bach. São José do Rio Preto - int.)	14,6	12,4
Odontologia (Araraquara - int.)	44,9	36,6	Música (hab. em canto bach. São Paulo - vesp.)	6	8,4
Odontologia (São José dos Campos - int.)	46,4	45	Música (hab. comp. a regência bach. S.P. - vesp.)	5,3	5,4
Veterinária (Araçatuba - int.)	26,8	26,9	Música (hab. instrum.: cordas. São Paulo - vesp.)	1,2	2,3
Veterinária (Botucatu - int.)	49,1	47,3	Música (hab. instrum.: sopros. São Paulo - vesp.)	2,7	2,4
Veterinária (Jaboticabal - int.)	30,8	30,2	Música (hab. instrum.: percussão. S.P. - vesp.)	4,7	6
Zootecnia (Botucatu - int.)	11,1	8,4	Música (hab. instrum.: piano e órgão. S.P. - vesp.)	3,6	3,5
Zootecnia (Jaboticabal - int.)	8,4	8,7	Música (hab. instrum.: violão bach. S.P. - vesp.)	10,7	8,5
<b>EXATAS</b>					
Ciências da computação (bach. Bauru - int.)	49,5	44,1	Pedagogia (lic. Araraquara - diur.)	3,1	3,3
Ciências da computação (bach. Rio Claro - int.)	35,1	38,2	Pedagogia (lic. Araraquara - not.)	3,2	3,6
Ciências da computação (bach. S. J. Rio Preto - int.)	37,3	35	Pedagogia (lic. Marília - mat.)	2,8	2
Eng. de alimentos (S. J. Rio Preto - int.)	29,8	27,1	Pedagogia (lic. Marília - not.)	3	3,5
Eng. cartográfica (Presidenta Prudente - int.)	4	1,8	Pedagogia (lic. Presidente Prudente - vesp.)	1,8	1,9
Eng. civil (Bauru - int.)	17,6	14,7	Pedagogia (lic. Presidente Prudente - not.)	3,4	4
Eng. civil (Guaratinguetá - int.)	8,8	9,7	Pedagogia (lic. Rio Claro - not.)	5,2	8,2
Eng. civil (Ilha Solteira - int.)	9,6	7,6	Psicologia (bach/lic. Assis - mat./vesp.)	15,1	18,7
Eng. elétrica (Bauru - int.)	19,1	15,3	Psicologia (bach/lic. Assis - vesp./not.)	8,6	13
Eng. elétrica (Guaratinguetá - int.)	12,8	10,7	Psicologia (lic. Bauru - int.)	19,8	25,2
Eng. elétrica (Ilha Solteira - int.)	13	9,8	Psicologia (lic. Bauru - not.)	17,6	29,3
Eng. mecânica (Bauru - int.)	19,9	15,1	Serviço social (Franca - mat.)	5	3,6
Eng. mecânica (Guaratinguetá - int.)	11,5	8,1	Serviço social (Franca - not.)	6,9	4,5
Eng. mecânica (Ilha Solteira - int.)	9,7	7,6	* O curso de Engenharia de Produção Mecânica, com 20 vagas, foi aprovado este ano pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão Universitária e será oferecido em 1996.		
Eng. de produção mecânica (Guaratinguetá - int.)	*	27,1	<i>Int. - Integral</i>		
Estatística (Presidenta Prudente - diur.)	4	2	<i>Not. - Noturno</i>		
Física (lic. Bauru - not.)	3,6	8,2	<i>Mat. - Matutino</i>		
Física (lic. Guaratinguetá - not.)	2,3	5,4	<i>Diur. - Diurno</i>		
Física (bach/lic. Rio Claro - int.)	3,5	5,1	<i>Vesp. - Vespertino</i>		
Geologia (Rio Claro - int.)	4,9	4,6	<b>DISTRIBUIÇÃO POR ÁREA/UNESP</b>		
Matemática (lic. Bauru - not.)	5,6	12,7	Candidatos em %		
Matemática (lic. Presidente Prudente - mat.)	2,3	2,4	Exatas 18,6		
Matemática (lic. Presidente Prudente - not.)	5,2	4,6	Humanas 29,09		
Matemática (bach/lic. Rio Claro - int.)	3,2	6,5	Biológicas 52,3		
Matemática (bach. São José do Rio Preto - int.)	2,6	1,7			
Matemática (lic. São José do Rio Preto - diur.)	3,1	4,4			
Matemática (lic. São José do Rio Preto - not.)	4	6,8			
Química (bach. quim./quim. tecnol. Araraquara - int.)	10,2	7,5			
Química (lic. Araraquara - not.)	5,9	15			
<b>HUMANAS</b>					
Administração (hab. adm. púb. - bach. Araraquara - diur.)	21,5	16,4			
Arquitetura a urbanismo (Bauru - int.)	27,5	31			
Artes plásticas (bach. São Paulo - mat.)	18,5	17,8			
Bibliotecologia (Marília - mat.)	3,2	2,6			
Ciências econômicas (bach. Araraquara - diur.)	15	12,8			
Ciências sociais (bach/lic. Araraquara - diur.)	2,9	4			
Ciências sociais (bach/lic. Araraquara - not.)	3,4	3,6			
Ciências sociais (bach/lic. Marília - mat.)	2,2	2,5			
Ciências sociais (bach/lic. Marília - not.)	2,9	3,2			
Comunicação social - jornalismo (Bauru - diur.)	25,6	21,3			
Comunicação social - jornalismo (Bauru - not.)	14,7	14			
Comunicação social - radialismo (Bauru - diur.)	10,5	7,1			

## OS DOZE MAIS

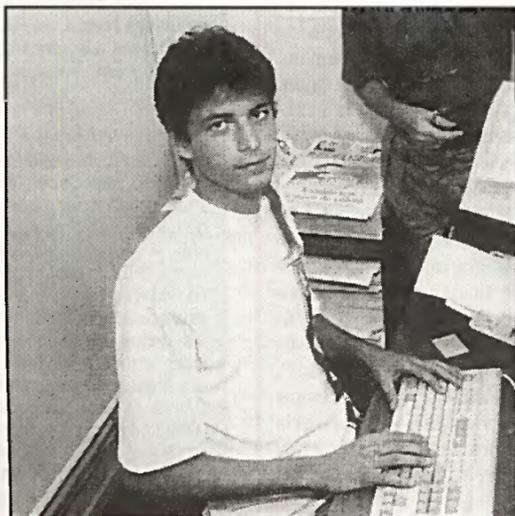
Entre as universidades estaduais paulistas

1º Medicina (UNESP/Botucatu)	136,9
2º Medicina (Unicamp)	114,7
3º Publicidade/Propaganda (USP)	61,9
4º Direito (UNESP/Franca)	59,8
5º Veterinária (UNESP/Botucatu)	47,3
6º Odontologia (UNESP/São José dos Campos)	45,0
7º Ciências da Computação (Unicamp)	44,9
8º Ciências da Computação (UNESP/Bauru)	44,1
9º Jornalismo (USP)	43,3
10º Fisioterapia (UNESP/Presidente Prudente)	41,2
11º Turismo (USP)	41,1
12º Odontologia (Unicamp)	39,2

## MEMÓRIA

### MARCO AURÉLIO SPIRANDELLI FERREIRA

(1972 - 1995)



Marco Aurélio: gosto pela vida e morte precoce

Até que a bala assassina o encontrasse, na madrugada do dia 22 de outubro, um domingo, em São Paulo, Marco Aurélio só fez colecionar amigos. Não apenas aqui na Assessoria de Comunicação e Imprensa, mas em todos os 17 andares do prédio da Reitoria. Mesmo nos momentos mais tensos — e eles não foram poucos, nestes seis anos de convivência —, ânimos acirrados, ele era só sorrisos. Impossível levar uma discussão adiante com ele. A serenidade e a discreta ironia com que encarava os pequenos problemas cotidianos, conferindo-lhes a real dimensão, desarmavam qualquer carranca.

"Eleito" o homem mais bonito da Reitoria, seus traços físicos, contudo, não rivalizavam com a beleza de seu caráter. Nos dias que se seguiram à tragédia, cada um de nós buscou dar forma às lembranças, resgatando na memória aquela figura esguia, discreta — na medida em que pode ser discreto alguém com 1,96m de altura —, generosa e um pouco retraída. Responsável pela editoração eletrônica das publicações elaboradas pela

ACI, Marco Aurélio Spirandelli Ferreira — para nós, Marcão —, chegou aqui com 17 anos e acompanhou todo o processo de informatização da Universidade. Quando morreu, aos 23, havia se tornado referência até para os especialistas da área. Com eternos fonos de *walk man* nos ouvidos, ao mesmo tempo que deslindava os complexos emaranhados da informática ia curtindo Raul Seixas e Milton Nascimento, seus cantores prediletos.

Nos dias que se seguiam às vitórias do time querido, o Coríntians, entrava radiante na Redação, os olhos verdes faiscando, o sorriso tímido de sempre alargado de orelha a orelha, cutucando colegas palmeirenses e são-paulinos. Pára-quedista e mergulhador, não temia a morte. Mas respeitava a vida. Gostava de viver, e deixava isso claro a cada dia, em cada gesto. Seu último trabalho entre nós, na sexta-feira, dia 20, foi a preparação do equipamento da ACI para conectar-se à Internet. Tomara pudessemos nós contatá-lo agora, para dividir com ele um pouco da indignação, do espanto e da saudade que ficaram.

# Bom desempenho entusiasma alemães

Fundação Humboldt vem conhecer experiência brasileira

Em outubro último, Reinhard Lüst, presidente da fundação alemã Alexander von Humboldt, uma das mais importantes entidades de concessão de bolsas de estudo do mundo, veio ao Brasil conhecer de perto a experiência das universidades estaduais paulistas. Na ocasião, esteve na Reitoria da UNESP, em São Paulo, onde se encontrou com o reitor, Arthur Roquete de Macedo. Lüst afirmou que o número de bolsistas brasileiros financiados pela fundação sempre foi elevado. "Maior até que o de vários países europeus", disse. "Por isso, minha curiosidade pelo País e por suas universidades sempre foi grande."



**VISITA**  
Os alemães na Reitoria: maior possibilidade de intercâmbio

CONVÊNIO

## Programa combate a exploração infantil

Frente reúne Unicef, Senac e câmpus de Franca.

Uma pesquisa realizada em 1994 sobre a exploração infanto-juvenil em Franca acabou deflagrando um projeto conjunto entre a Unicef, o Senac e a Faculdade de História, Direito e Serviço Social, FHDSS, do câmpus daquela cidade. Trata-se do programa Formação Profissional para Adolescentes, cuja meta principal é oferecer aos jovens mais carentes cursos profissionalizantes paralelamente ao ensino básico. "A pesquisa observou que, para engrossar o orçamento doméstico, muitos jovens se submetem a trabalhos desgastantes, em período integral, comprometendo inclusive sua frequência e desempenho na escola", explica a assistente social Victalina Maria Pereira Di Gianni, docente e responsável pelo setor de estágio do Departamento de Assistência Social da FHDSS. "Com o diploma de um curso profissionalizante nas mãos, os adolescentes podem



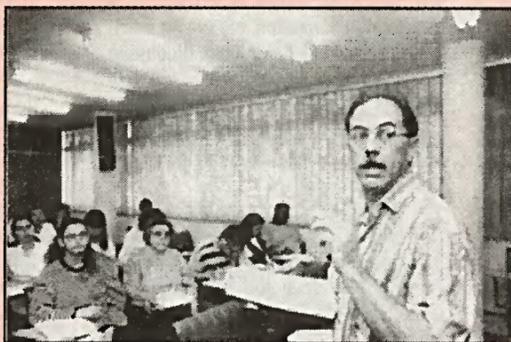
**EXTENSÃO**  
Franca: formação para adolescentes

começar a atuar em serviços mais especializados e com melhor remuneração, sem precisar interromper os estudos", comenta.

As funções das entidades envolvidas no projeto são bem definidas. O Senac ministra os cursos profissionalizantes, como informática, higiene e beleza e mecânica, com duração de um semestre. As bolsas de estudo recebidas pelos alunos ficam por conta da Unicef. A tarefa da FHDSS é desenvolver, junto aos jovens, um trabalho sócio-educativo. "No próprio Senac, os jovens participam conosco de reuniões e palestras onde são orientados sobre leis trabalhistas, relacionamento familiar, namoro, sexo, o Estatuto da Criança e do Adolescente e outros temas ligados à sua formação educacional e cultural", explica Victalina. O convênio deve atender anualmente a 80 alunos.

## O discreto charme dos ofícios

Neste caso, os meios têm justificando os fins. Para que funcionários das áreas acadêmica e administrativa da UNESP assimilem noções gerais de gramática e, a partir daí, aprendam a elaborar diferentes modelos de atas, memorandos e ofícios com um certo "molho", vale tudo. Jogos, transparências, música e exercícios de fixação, entre outros recursos, têm sido usados na terceira versão do curso de Treinamento em Língua Portuguesa/Redação Oficial, iniciado no último dia 11 de outubro nos câmpus de Guaratinguetá, São José dos Campos e Rio Claro, além da Reitoria, em São Paulo. Cerca de 240 funcionários participam do treinamento, ministrado simultaneamente nos quatro câmpus. "É uma forma descontraída de motivar



**Márcio Franchon: atas descontraídas**

os funcionários a redigirem textos diferenciados", explica Márcio Franchon, professor de Língua Portuguesa e técnico da área de desenvolvimento da Coordenadoria de Re-

ursos Humanos da Reitoria, treinado para monitorar o curso junto com outros docentes dos câmpus de Araraquara e São José do Rio Preto.

De acordo com Cláudio Gomide, assessor técnico da Pró-Reitoria de Administração e coordenador do projeto Sistema UNESP de Treinamento em Língua Portuguesa, implantado em 1990, o principal objetivo do curso é habilitar os funcionários a produzirem textos de forma abrangente. "Não está restrito ao aprendizado de novos formatos de comunicação oficial", ressalta. No curso, os participantes são treinados a desenvolver redação própria com ênfase em aspectos básicos da gramática, como coesão, coerência, paragrafação e pontuação.

RESUMO

UM MATEMÁTICO NO CONSELHO

O educador matemático Luiz Roberto Dante, do Departamento de Matemática do Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE) do câmpus de Rio Claro, dedica-se há três décadas à produção de livros, palestras e cursos para professores de primeiro e segundo graus do interior paulista. Este ano, Dante teve seu trabalho reconhecido pelo Governador Mário Covas, que o indicou para ser um dos novos membros do Conselho Estadual de Educação. A cerimônia de posse aconteceu no último dia 4 de outubro, na Secretaria de Estado da Educação, em São Paulo, quando houve a renovação de um terço dos 24 membros do conselho. "Sempre procurei me dirigir aos professores do ensino básico, pois os considero o alicerce da educação escolar", aponta.

EROSÃO É TEMA DE PESQUISA

Um estudo sobre os efeitos da erosão no solo urbano de Bauru rendeu ao geólogo Nariaqui Cavaguti, do Departamento de Engenharia Civil da Faculdade de Engenharia e Tecnologia do câmpus daquela cidade, o prêmio Enaldo Cravo Peixoto, oferecido ao melhor trabalho técnico do 18º Congresso Brasileiro da ABES — Associação Brasileira de Engenharia Sanitária e Ambiental. O evento aconteceu em setembro, em Salvador. A pesquisa de Cavaguti enfoca as causas, a evolução e o grau de gravidade do problema. "O uso e a ocupação do solo orientados por um plano diretor e a recuperação de áreas já degradadas são caminhos para que as erosões em Bauru sejam contidas", argumenta o geólogo, que concorreu com outros 400 pesquisadores. O prêmio é uma escultura de Oxossi, entidade da umbanda tida como protetora das florestas.

TALENTO RECONHECIDO

O matemático José Manoel Baltazar, do Departamento de Estatística, Matemática Aplicada e Computacional do Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE) do câmpus de Rio Claro, é um dos mais novos integrantes do seletor time de pesquisadores da Academia Americana de Mecânica (AAM), dos Estados Unidos, uma das mais conceituadas instituições da área. "Adquiri, assim, o respaldo de uma entidade altamente qualificada para sugerir projetos e organizar eventos", comenta Baltazar. O convite foi oficializado pela diretoria científica da AAM no início deste ano, quando Baltazar fazia estágio na Virginia Tech Blacksburg, também dos Estados Unidos. "Em meu trabalho, analiso a construção de uma máquina não-ideal, onde procuro viabilizar a interação entre estruturas e motores", descreve o matemático.

PREMIAÇÃO EM DOSE DUPLA

Dois trabalhos de docentes da UNESP foram contemplados com o primeiro lugar durante o IX Congresso Brasileiro de Toxicologia, realizado em setembro, em Ribeirão Preto. O primeiro deles — "Contribuição para a validação dos limites de tolerância biológica estabelecidos no Brasil para a plumbemia e a excreção urinária do ácido delta-aminolevulínico" — tem a participação dos pesquisadores Ricardo Cordeiro, da Faculdade de Medicina, em Botucatu, e Paulo Eduardo de Toledo Salgado, da Faculdade de Ciências Farmacêuticas, em Araraquara, em parceria com Euclydes C. de Lima Filho, da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp. O outro estudo — "Quantificação e controle do risco de intoxicação dos aplicadores de agrotóxicos na cultura de algodão" — é coordenado por Joaquim Gonçalves Machado Neto e Tomomassa Matuo, da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias, em Jaboticabal. Cada trabalho recebeu um prêmio de R\$ 500,00.

ODONTOLOGIA A EXCEPCIONAIS

O Centro de Assistência Odontológica a Excepcionais (Caoe), único do gênero no País, que funciona como unidade auxiliar do câmpus de Araçatuba, está fazendo escola. A Prefeitura de Jabotão dos Guararapes (PE) deverá implantar, em um ano, no máximo, uma instituição que prestará serviços odontológicos a pacientes especiais com a orientação do Caoe. Para isso, duas arquitetas daquela cidade estiveram em Araçatuba, em setembro último, especialmente para conhecer as instalações. "Dividiremos com o novo centro a responsabilidade pela capacitação de profissionais", explica Ruy dos Santos Pinto, supervisor do Caoe.



# Uma fórmula vencedora

**Crêterios de seleção garantem alto nível ao VII Congresso de Iniciação Científica**

A Comissão Organizadora Central do VII Congresso de Iniciação Científica da UNESP, que acontecerá entre 21 e 26 de novembro, no câmpus de Guaratinguetá, decidiu manter a fórmula utilizada em 1994 para escolher os trabalhos que serão mostrados durante o evento. Com isso, espera repetir o alto nível das apresentações registrado na edição passada. Naquela oportunidade, comissões de pesquisa formadas por professores avaliaram e selecionaram os resumos dos trabalhos de seus alunos, que só depois passaram pelo crivo da Comissão Científica Central do Congresso, até então única responsável pela seleção. "Ampliamos a participação do corpo docente e notamos que os resumos e as apresentações dos trabalhos tiveram um grande salto de qualidade", avalia Maria Aparecida Viggiani Bicudo, pró-reitora de Graduação e presidenta da Comissão Organizadora do Congresso.

Alguns detalhes referentes ao encontro, no entanto, foram alvo de críticas. É o caso do calendário. "A época é prejudicial aos alunos e professores, pois, no final de novembro, eles estão às voltas com provas e outras avaliações", comenta o biólogo Carlos Roberto Ceron, do Departamento de Química e Geociências do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce), câmpus de São José do Rio Preto. Para não comprometer a programação acadêmica, Ceron sugere que o evento seja realizado entre agosto e setembro. A professora Bicudo concorda com o colega: "Infelizmente, não houve outra data disponível na agenda da Escola de Especialistas da Aeronáutica, que nos cedeu o alojamento". Quanto à cidade-sede, Guaratinguetá foi

novamente a escolhida devido às acomodações do alojamento, consideradas excelentes. "Os câmpus, em geral, não estão aparelhados para receber tantos congressistas, mas vamos estudar outras alternativas para não prejudicar as unidades mais distantes", assegura a pró-reitora.

### PRÉ-CONGRESSOS

A cada ano, o Congresso de Iniciação Científica se solidifica como um importante estímulo para o aluno aprender a formular, desenvolver e apresentar um trabalho de pesquisa. "A



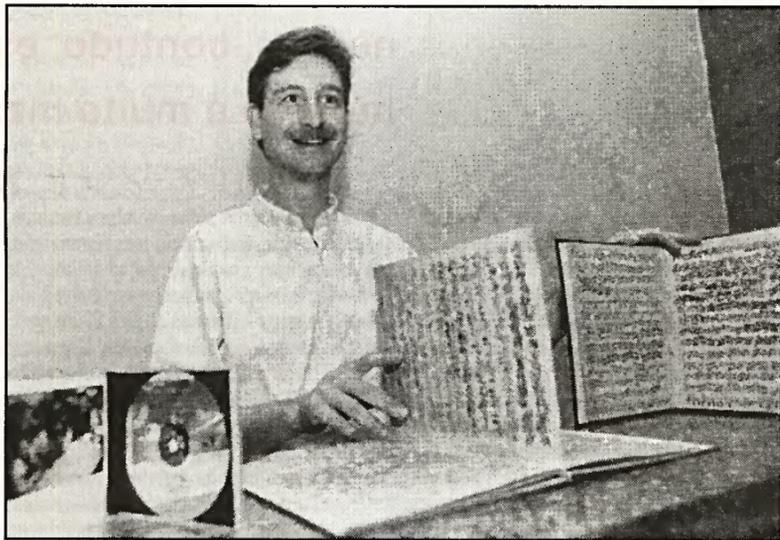
iniciação científica é um instrumento criado para aperfeiçoar a formação do estudante, quer ele venha a fazer ou não um curso de pós-graduação", frisa Bicudo.

Câmpus como os de Ilha Solteira e Marília, por exemplo, levam tão a sério o compromisso assumido com as diretrizes do congresso que, além de orientarem o graduando durante todas as fases de elaboração das pesquisas, promovem encontros locais onde ele faz uma primeira apresentação de seu trabalho. "Assim, divulgamos o congresso para os estudantes dos primeiros anos e afiamos aqueles prestes a se comunicarem com uma platéia especializada", esclarece o zootecnista João Francisco Pereira Bastos, um dos organizadores da IV Reunião de Iniciação Científica da Faculdade de Engenharia, acontecido em outubro, em Ilha Solteira.

Estratégias como as de Ilha Solteira se refletem, por exemplo, no aumento do número de trabalhos inscritos e, principalmente, selecionados. Desta vez, são 775 pesquisas aprovadas, contra 682 em 1994. Houve evolução em todas as áreas: Exatas saltou de 148 para 185, Humanas foi de 161 para 210 e Biológicas, de 373 para 380 trabalhos. "Uma pesquisa melhor elaborada permite ao aluno fazer um bom resumo, aumentando, assim, suas chances de passar na seleção das comissões", explica Bicudo.

Devido ao grande número de trabalhos, o congresso foi dividido em duas fases. A primeira acontecerá entre os dias 21 e 23, destinada às áreas de Biológicas. Entre 24 e 26, será a vez de Exatas e Humanas. Além de painéis e apresentações orais dos alunos, estão programadas palestras e mesas-redondas, com destaque para a participação das agências financiadoras, casos do CNPq e da Capes. "A realização do encontro faz parte do convênio com estas entidades, e é o momento em que elas se certificam de que o investimento aplicado em pesquisa está sendo bem empregado", comenta a professora Maria Bicudo.

### MÚSICA



**DUETOS CONCERTANTES**  
Castagna: dois anos entre a restauração e a gravação do CD

## Talento resgatado

**CD revela obra esquecida de Gabriel Trindade**

Obscuro compositor Gabriel Fernandes da Trindade, que viveu no Brasil no início do século passado, acaba de sair do anonimato. Sua obra mais importante, "Duetos Concertantes para dois violinos", foi descoberta, restaurada e gravada em CD pelo musicólogo Paulo Castagna, coordenador do grupo de pesquisa sobre música brasileira antiga do Departamento de Expressão e Comunicação do Instituto de Artes (IA) da UNESP, em São Paulo. Castagna levou dois anos para restaurar a peça de Trindade, até então considerado apenas um compositor de modinhas. "Estas obras são as únicas peças instrumentais camerísticas do começo do século passado", informa Castagna.

Os originais dos "Duetos Concertantes", escritos em dois cadernos, foram encontrados na cidade de São João del-Rei, em Minas Gerais, há dois anos. Apesar de estarem em boas condições, a restauração exigiu grande dose de paciência. A primeira dificuldade enfrentada por Castagna e seu colaborador, Anderson Rocha, foi precisar a data da composição. Segundo o musicólogo, Trindade dedicou os duetos a seu mestre, o violinista italiano Francesco Ignacio Ansaldo, mas esqueceu de datar a peça. A dupla de restauradores acredita que a obra tenha sido criada por volta de 1814, data da fabricação do papel usado pelo compositor. O passo seguinte foi decifrar a notação — conjunto de sinais que representam os sons de uma obra musical

—, bem diferente da usada hoje. O musicólogo teve dificuldade em fazer a leitura por causa da tinta usada por Trindade, que passou de um lado para outro das páginas, borrando as partituras. Depois, foi a vez da superposição das partes instrumentais no mesmo pentagrama, que antigamente se escrevia em separado. Na fase de correção, os restauradores gastaram alguns meses, pois foram encontrados 250 erros na obra.

Sobre Gabriel Fernandes da Trindade, há pouca informação. Sabe-se que nasceu em 1790 e morreu em 1854. Sua origem, porém, é desconhecida: "Não conseguimos determinar nem se ele era brasileiro ou português", lamenta Castagna. "Mas é possível notar uma grande influência da música italiana em sua obra e, em algumas passagens, aparece a característica luso-brasileira", afirma.

O resultado do trabalho está no CD *Duetos Concertantes*, interpretado pelos violinistas Maria Ester Brandão e Koiti Watanabe e lançado em outubro pela gravadora Paulus. Mesmo feliz com o resultado de sua pesquisa, Castagna se queixa da falta de apoio do mercado fonográfico, que não ajudou em nada na restauração, e de alguns músicos brasileiros, que só querem tocar música européia, desconhecendo as obras brasileiras. "O músico nacional é, frequentemente, um estrangeiro em seu próprio País."

### POSSE

## Aluno da UNESP é novo dirigente da UEE

A União Estadual dos Estudantes de São Paulo, UEE-SP, a segunda maior entidade estudantil universitária do País — a primeira é a União Nacional dos Estudantes, UNE —, tem em sua presidência um aluno da UNESP. Eleito durante o II Congresso da UEE, no início de setembro último, em São José do Rio Preto, Éder Roberto da Silva, 24 anos, é quartanista da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação do câmpus de Bauru. Em sua gestão, com duração de um ano, Éder pretende intensificar o trabalho de consolidação do movimento estudantil no Estado, incentivando a criação de diretórios e centros acadêmicos. "O fortalecimento dessas entidades é o primeiro passo para a consolidação da representatividade da UEE junto aos 600 mil estudantes universitários paulistas", pondera. O novo presidente defende também algumas reivindicações antigas da UEE-SP: a qualidade e a continuidade do ensino gratuito na universidade pública e a criação de novas universidades estaduais. A principal prioridade de Éder, no entanto, será cobrar, do governo, o cumprimento do artigo 283 da Constituição Estadual, que garante 30% das vagas para os cursos noturnos em todas as universidades públicas.

Além de Éder, quatro novos diretores da UEE-SP são alunos da UNESP: Ana Paula Dias, segundanista de Radialismo no câmpus de Bauru; Marcos Couto, primeiranista de Administração Pública no câmpus de Araraquara; Fabiano Laperuta, quartanista de História no câmpus de Assis; e Edison Rodrigues Filho, quartanista de Biblioteconomia no câmpus de Marília.



**PLATAFORMA**  
Éder: ensino gratuito e cursos noturnos



# RACISMO

## O preconceito se move nas sombras

TÂNIA BELICKAS

Com a comemoração, no dia 20 de novembro, dos 300 anos da morte de Zumbi (ao lado), o preconceito racial voltou a ser discutido em todo o País. Afinal,



o brasileiro é ou não racista? Pesquisa recente indica que 10 em cada 100 brasileiros admitem o preconceito. Para os negros, contudo, esse número é muito maior.

Resposta sem pressa: o que pode haver de suspeito numa situação onde dois homens de meia-idade, um punhado de livros debaixo dos braços, embarcam em um táxi e, sentados no banco de trás do veículo, seguem viagem? Aparentemente, nada, não é? Agora, pense na mesma situação, colocando no papel dos passageiros dois negros. A inocência da primeira cena cede lugar, aqui, à suspeita — pelo menos aos olhos argutos e perscrutadores dos policiais de Marília, no interior do Estado. Dois negros acomodados no banco traseiro de um automóvel dirigido por um branco é uma cena decididamente improvável e, portanto, suspeita, no entender desses diligentes mantenedores da ordem. E foi assim que, na tarde do último dia 13 de setembro, o sociólogo Edemir de Carvalho, da Faculdade de Filosofia e Ciências do câmpus de Marília da UNESP, e o antropólogo Carlos Benedito Rodrigues da Silva, da Universidade Federal do Maranhão, ambos negros, se viram transformados em protagonistas de uma lamentável demonstração de preconceito racial. A caminho do câmpus da UNESP, o táxi que levava os dois professores foi perseguido por três viaturas policiais, cercado e obrigado a parar. Aos gritos, mãos sobre as armas, aqueles que deveriam observar o cumprimento da lei ordenaram que os passageiros deixassem o veículo e apresentassem seus documentos. Edemir e Carlos ainda tentaram argumentar, mostrando aos policiais que ali se praticava um flagrante desrespeito à legislação. Como resposta, receberam ameaça de prisão, agora por desacato à autoridade. Depois de terem os documentos cuidadosamente analisados, em meio a uma verdadeira multidão, já que o incidente se deu em uma das ruas mais movimentadas da cidade, os professores foram liberados e puderam, enfim, seguir viagem rumo ao câmpus. Em tempo: lá, participariam de um evento sobre a situação dos negros na sociedade brasileira.

O episódio que envolveu Edemir e Carlos, embora exemplar, devido às circunstâncias em que ocorreu, não tem nada de fortuito. Ao contrário, mesmo movendo-se em espaço e tempo restritos, a reportagem esbarrou em inúmeras situações envolvendo a discriminação racial. “É impossível, para um branco, imaginar o que é o dia-a-dia de um negro”, diz Edemir, um dos passageiros do táxi. “A gente sofre discriminação cotidianamente, algumas flagrantes, outras sutis, geralmente imperceptíveis ao branco”. “O preconceito velado é ainda mais violento do que o racismo declarado, porque impede a vítima de defender-se legalmente”, emenda a socióloga Célia de Carvalho Ferreira Penço, do Departamento de História da Faculdade de Ciências e Letras do câmpus de Assis. “Essa forma de discriminação é insidiosa e perversa.”

Com a comemoração, no Brasil, no dia 20 de novembro, dos 300 anos da morte de Zumbi dos Palmares, e com o controvertido julgamento e posterior absolvição do ex-astro de futebol americano O.J. Simpson e a recente marcha de 400

mil negros sobre Washington, nos Estados Unidos, o tratamento dispensado aos negros, em todo o mundo, voltou a ocupar grandes espaços na imprensa e foi tema de inúmeros eventos organizados em universidades brasileiras, européias e norte-americanas. Em 20 de novembro, também aclamado como Dia Nacional da Consciência Negra, acontecerá a “Marcha unificada Zumbi contra o racismo”, em Brasília, que reunirá integrantes de catorze entidades ligadas ao movimento negro de todo o País. “Homenagear Zumbi dos Palmares, para nós, negros brasileiros, é lutar pela liberdade que nos é negada a todo o instante”, explica a socióloga Ana Lúcia Pereira, aluna de pós-graduação do câmpus de Assis e coordenadora do Grupo de Educadores Negros de Marília.

Diferentemente dos Estados Unidos, onde a segregação racial é franca e os negros têm seus direitos de cidadania garantidos por políticas governamentais, o Brasil está alicerçado numa sociedade multirracial que, ao menos legalmente, não admite o racismo. Nesse aspecto, a teoria apregoada pelo sociólogo pernambucano Gilberto Freyre no livro *Casa-Grande & Senzala*, lançado na década de 30, de que o Brasil do futuro seria “mulato-claro”, vingou. Quase metade da população brasileira (44%) é formada por negros e pardos. É o País, excetuando a África, onde há o maior contingente de mestiços. Só que o mito da “democracia racial”, sonhado pelo escritor, ficou mesmo no papel. “Onde estão os mecanismos de ascensão social, atardeados por essa tal democracia?”, questiona a antropóloga Maria Ercília do Nascimento, da Faculdade de Ciências e Letras do câmpus de Araraquara, que é descendente de negros e realizou estudos de mestrado e doutorado sobre o negro brasileiro. “O racismo não assumido faz o negro acreditar que o esforço individual é suficiente para vencer”, diz. “E isso é uma mentira.”

O Grupo de Educadores Negros, que reúne professores de pri-



DISCRIMINAÇÃO VELADA  
Edemir (em pé), no seminário sobre questão racial: negra em táxi é suspeita

meiro e segundo graus, pesquisadores e alunos da UNESP, surgiu há um ano da constatação da existência de discriminação racial em várias escolas da região de Marília. Um dos casos mais alarmantes, lembra a socióloga Ana Pereira, foi o de um aluno, maior de idade, que ofendeu uma professora pelo fato de ela ser negra e recusou-se a continuar a assistir as suas aulas. O caso foi parar na polícia. “A diretora pediu para retirar a denúncia, porque não queria que o nome da escola fosse denegrido”, diz Ana. O principal objetivo do grupo é o reconhecimento de que desigualdades raciais existem. “Muitas vezes, os professores são preconceituosos e não admitem isso”, sustenta Edemir, que também integra a equipe. No câmpus de Araraquara, a antropóloga Maria Ercília afirma, cria-se sempre um grande mal-estar quando o assunto envereda por questões raciais. “Os estudantes ficam sensibilizados com a discussão e alguns admitem que aprendem a ser racistas dentro da própria casa”, diz. “E o reconhecimento do racismo causa uma profunda dor neles.”

### “DEFICIÊNCIAS GENÉTICAS”

Que têm o sangue “impuro”, má índole e uma forma inferior de inteligência. Muito já se especulou, ao longo dos séculos, sobre as “deficiências genéticas” dos negros. Um dos estudos mais conhecidos nesse sentido é o do cientista francês Arthur Gobineau, realizado no inéfito do século XIX e que se baseava em experimentos comparativos com cérebros de humanos e macacos. Segundo a historiadora Laima Mesgravis, da Faculdade de História, Direito e Serviço Social do câmpus de Franca, Gobineau classificou as raças, com base em suas experiências, em superiores e inferiores na medida em que se aproximavam e se distanciavam do modelo branco representado por ingleses, franceses e alemães. “Essa idéia estava relacionada também com a aparência dos negros que, para alguns cientistas da época, lembrava a do macaco.” Apoiados nessa teoria, escritores brasileiros, como Euclides da Cunha e Sílvia Romero, difundiram idéias racistas no País do início do século, enfatizando que o negro é menos inteligente e capacitado que o branco. “O problema é que a sociedade nunca dá oportunidade aos negros de eles mostrarem a sua competência”, reage Edemir do Carmo Rodrigues, a “Xuxu”, oficial de gabinete da Reitoria. Ela atribui as dificuldades que teve em ser promovida à sua cor. “Só que ninguém admite isso, o que acaba incomodando ainda mais.”

Tudo negro sabe que é discriminado pelo modo como é olhado ou tratado. São inúmeras as situações em que isso acontece. É frequente o negro ser olhado com desconfiança ao dirigir um carro novo sem estar trajando uniforme de motorista ou, então, ao procurar emprego, receber, com um sorriso irônico, a comunicação de que a vaga já foi preenchida. As humilhações e os constrangimentos repetem-se tantas vezes ao longo dos anos que acabam gerando uma espécie de espírito “preventivo” contra os brancos. O sociólogo Edemir, um dos poucos professores negros da UNESP, admite que isso acontece. Mas garante que os negros não têm uma postura racista em relação aos brancos. “É apenas uma reação à discriminação sofrida”, rebate.

Definitivamente, o Brasil não é o decantado paraíso racial. A discriminação fica evidente ao se verificarem os números que indicam o nível sócio-econômico e a atuação no mercado de trabalho dos negros brasileiros. Segundo



SOS RACISMO  
Sonia Nascimento: casos de racismo punidos pela lei são raros

dados da Fundação Seade e do IBGE de 1990, o rendimento médio dos brancos é de 5,3 salários-mínimos, mais que o dobro recebido por negros e pardos, que não ultrapassa 2,5 salários. A proporção de negros em serviços domésticos também é grande: 12,4% estão nessa atividade, contra 5,3% de brancos (veja quadro à pág. 8). Nos esportes, entretanto, os brancos se rendem ao desempenho dos atletas negros. Num estudo feito pelo professor de Educação Física Dino de Aguiar Cintra Filho, da Faculdade de Ciência e Tecnologia do câmpus de Presidente Prudente, ficou constatado que os negros se destacam em provas de velocidade devido ao biotipo adequado a essa modalidade. Os negros têm menor porcentagem de gordura, apresentam comprimento de pernas e diâmetro de tronco maiores e predomínio das chamadas fibras musculares brancas, de contração rápida. “Essas condições favorecem as competições de explosão, como as corridas de curtas distâncias e os saltos”, diz Cintra Filho. Ao fazer uma análise sócio-econômica dos negros vencedores dos últimos jogos olímpicos, o professor verificou que eles pertenciam a classes mais baixas e se notabilizavam em modalidades que não exigiam aparato tecnológico. “Por

questões físicas, sócio-econômicas e raciais, os negros não se destacam em esportes caros, como natação e tênis”, afirma.

### CRIME INAFIANÇÁVEL

Numa pesquisa inédita e pioneira, realizada em junho último, em todo o País, o Datafolha, da *Folha de S. Paulo*, mostrou que dez em cada cem brasileiros admitem ter preconceito racial. A imprensa, aliás, tem tido um papel importante em denunciar casos de discriminação. Um dos episódios de maior repercussão foi o que cercou a mulata Ana Flávia Azeredo, filha do governador do Espírito Santo, Albuíno Azeredo. Em junho de 1993 ela foi agredida física e verbalmente por moradores do prédio em que residia, pelo fato de ter insistido em subir pelo elevador social. No Ministério Público, a agressão não foi tipificada como crime de racismo. “É difícil caracterizar os crimes resultantes de preconceito de cor”, reclama a advogada Sonia Maria Pereira Nascimento, coordenadora do “SOS Racismo”, criado há quatro anos em São Paulo como um dos programas do Geledés, Instituto da Mulher Negra.

O artigo quinto da Constituição brasileira determina que a prática de racismo é crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão. Esses princípios constitucionais foram regulamentados em 1989 pela lei 7716, de autoria do ex-deputado Carlos Alberto Caó de Oliveira, que substituiu a lei Afonso Arinos, de 1951, já revogada. Entre outros artigos, a nova legislação pune com pena de dois a cinco anos quem negar emprego a pessoas negras ou impedir o seu acesso a estabelecimentos comerciais. Pelo fato de ser negro, o motorista Orfeu de Oliveira Mateus, da Reitoria, foi, há poucos meses, impedido de participar de um jantar oferecido num clube da cidade de São Carlos, no interior do Estado. “Mesmo com o convite na mão, o garçom não me deixou entrar”, indigna-se. O porteiro chegou a comentar com Orfeu que “eles” não gostavam de negros, referindo-se à diretoria da agremiação. O motorista procurou a polícia, mas não havia um delegado de plantão. “Não há porque fazer esse tipo de distinção”, diz Orfeu. “Afinal, somos ou não somos todos iguais?”

Os números do SOS Racismo não deixam margem à dúvida: não, não somos todos iguais. No ano de 1994 foram feitas, na cidade de São Paulo, 173 consultas ao órgão, sendo 106 delas ocorrências referentes à discriminação racial no trabalho e na escola, principalmente, numa média de quinze por mês. “Quando se consegue processar alguém, é por injúria ou difamação, que têm uma pena de um a seis meses de reclusão e são afiançáveis”, explica a advogada Maria Sílvia Aparecida de Oliveira, coordenadora do SOS Racismo. O titular da Delegacia de Investigações sobre Crimes Raciais, Márcio Campos Baldi, a segunda em todo o mundo (a primeira fica em Boston, Estados Unidos), é branco e não vê problema nisso. “Minha atuação aqui é jurídica e deve ser isenta, independentemente da minha cor ou raça”, argumenta. Ele reconhece que a maior parte dos casos atendidos na delegacia não se enquadra na lei de racismo. Dos 72 boletins de ocorrência registrados entre

## A hierarquia das cores

(28.427) declararam-se “morenos”. Segundo a demógrafa Valéria Motta Leite, do IBGE, que coordenou a pesquisa, esse termo não é esclarecedor. “Nas respostas, houve morenos que se enquadraram nas cores branca, preta, parda e amarela, dependendo da tonalidade da pele”, explica. A maioria dos entrevistados (34.612) admitiram ser brancos, e apenas 6.234 reconheceram-se como pardos. Valéria acredita que o pardo também não é uma boa definição, porque compreende desde filhos de casais formados por orientais e brancos, até descendentes de casamentos entre brancos e mulatos. “O IBGE ainda não encontrou uma designação adequada para os mestiços.”

De ascendência negra, a antropóloga Maria Ercília do Nascimento, da Faculdade de Ciências e Letras do câmpus de Araraquara, acredita que qualquer terminologia usada para designar os mestiços será pejorativa. “Classificá-los

pela cor vai criar uma hierarquia, na qual aqueles que tiverem a pele mais escura serão considerados pertencentes a uma classe sócio-econômica baixa”, diz. Uma das possíveis soluções para essa questão, na opinião da pesquisadora, seria o IBGE dividir a população em apenas duas categorias: brancos e não-brancos. Pelo fato de os brancos representarem o poder no Brasil e os negros serem associados à marginalidade, a pesquisadora afirma que há uma tendência de os mestiços de pele amorenada “embranquecerem” a sua cor. “Numa pesquisa, até eu quero aparecer como branca”, brinca a pesquisadora “morena”. Para o vereador Vital Nolasco (PC do B), único negro na Câmara Municipal de São Paulo, mulato ou moreno é negro, e ponto final. Na verdade, à primeira vista o edil lembra um mulato. “Mas se sou discriminado como negro, porque não assumir a minha cor?”, questiona.



Fotos/Monica Richter

**EXEMPLO DOMÉSTICO**

**Maria Erçilia: primeiras lições de discriminação vêm dos pais**

janeiro e agosto deste ano, 46 referiram-se ao crime de injúria. "Xingar alguém, fazendo referência à cor de sua pele, não é uma prática que possa ser enquadrada na lei 7716", explica. "A pessoa só pode ser presa se impedir alguém de fazer algo por causa da sua cor ou raça."

**"EMBRANQUECIMENTO"**

A raridade das condenações é prova incontestável da dissimulação do racismo brasileiro. "Não há cultura judiciária suficiente para admitir o racismo como crime", reconhece o promotor Antônio Alberto Machado, do Departamento de Direito Penal e das Relações Sociais e Especiais da FHDSS/Franca. Ele afirma que os juízes costumam exigir provas excepcionais para a aplicação da pena de reclusão. Por outro lado, ele comenta, muitas vezes os negros vítimas de preconceito racial acabam se comportando como as pessoas que sofrem um estupro: negam o fato. "Não prestam queixa porque não querem se enquadrar num gueto que, socialmente, é discriminado." Os negros renegariam sua origem étnica, ainda de acordo com o promotor, para aproximar-se do padrão dominante, branco. "É uma forma de 'embranquecimento'". Para o vereador Vital Nolasco (PC do B), único político negro da Câmara Municipal (veja texto na pág. 7), o negro prefere ignorar as humilhações que sofre. "Não quer se contrapor à sociedade em que vive."

Ex-diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro, que depois foi incorporada pela UNESP, o professor aposentado Alcides Serzedello acredita que o negro, por tradição, se coloca em posição inferiorizada diante do branco. "Não reage a nenhuma desconsideração", diz. Com uma brilhante carreira acadêmica, iniciada na Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiróz, em Piracicaba, onde concluiu o curso de Agronomia em primeiro lugar, e um dos fundadores, na UNESP, do curso de pós-graduação em Ciências Biológicas, nas áreas de

Biologia Vegetal e Microbiologia Aplicada, Serzedello afirma que sofreu discriminação racial inúmeras vezes. "Algumas foram até 'cordiais e simpáticas'", diz. "Cheguei a ser 'elogiado' como um negro de alma branca".

Transcorridos mais de cem anos desde a abolição da escravidão, com a Lei Áurea, de 1888, uma pequena parcela dos negros brasileiros conseguiu ascender socialmente e ganhar status. Segundo o IBGE, essa parcela corresponde a cerca de 10% da classe média. A mudança foi captada até pelos roteiristas de televisão. Na novela *A Próxima Vítima*, da Rede Globo, recentemente concluída, os personagens negros não são os escravos ou os empregados domésticos de sempre. Formam uma família de gestos comedidos e hábitos refinados, bem acomodada num espaçoso apartamento e com filhos em bons empregos. Essa mudança, na opinião do psicólogo Roberto Sagawa, da Faculdade de Ciências e Letras do campus de Assis, é artificial. "É o marketing da telenovela tentando faturar novos mercados consumidores", diz. Estudioso da inserção do negro na mídia e com doutorado sobre o escritor Lima Barreto, Sagawa concorda, no entanto, que, hoje, as questões raciais são muito mais complexas. "Acredito



**B.O. Delegado Baldi: "crime de injúria"**

que o grande problema entre negros e brancos ainda se relaciona ao acesso à educação, saúde, trabalho e moradia", diz.

No documento a ser levado a Brasília, no dia 20 de novembro, as organizações anti-racistas querem assegurar, por meio de lei, os direitos de cidadania aos negros. "Nos Estados Unidos, os negros conquistaram seu espaço através da política de cotas em vários setores sociais", diz a socióloga Ana Lúcia Pereira. "Por que isso não poderia funcionar por aqui também?", questiona. A própria socióloga responde: "Porque, no Brasil, País mulato por natureza, as elites brancas e um grande número de negros 'embranquecidos' não se convenceram ainda de que a discriminação existe de fato".

**NÚMEROS DA DISCRIMINAÇÃO**

- Rendimento médio mensal: brancos, 5,3 salários mínimos; negros e pardos, 2,5 salários mínimos.
- Dos 97 milhões de brasileiros alfabetizados, 60% são brancos; 37% são negros e pardos.
- Apenas 3% da população universitária brasileira é formada por negros.
- O índice de evasão escolar entre brancos é de 64,6%. Entre negros, sobe para 75,5%.
- Cerca de 30% dos adolescentes brancos cursam uma série compatível com a sua idade. Entre os negros, apenas 6,1% estão nessa situação.
- Na Grande São Paulo, existem 11,6% de negros desempregados, enquanto o percentual entre brancos é de 8,6%.
- Trabalhador negro com segundo grau completo ganha 76% do salário do colega branco com idêntica qualificação.
- Na Grande São Paulo, 6% dos trabalhadores braçais da construção civil são negros, contra 3,5% de brancos.
- Na Grande São Paulo, empregam-se, em serviços domésticos, 12,4% de negros contra 5,3% de brancos.
- Entre profissionais de nível superior, em todo o País, 10,3% são brancos e 2,7%, negros.
- Entre 1970 e 1992, a Polícia Militar de São Paulo matou 8 mil pessoas. Das 4.170 vítimas identificadas, 51% eram negras, numa cidade em que os negros correspondem a 25% da população.
- Quando negros e brancos são processados pelos mesmos crimes, os negros têm 30% a mais de chances de serem condenados.

\* Fontes: Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (Seade), IBGE e Anuário Estatístico do Estado de São Paulo.

**Brasileiro é ninguém e todo mundo**

MARILENE FELINTO

Se existisse alguém habilitado a ganhar um hipotético título de o menos racista do mundo, o Brasil seria o candidato natural. Que não se iludam os racistas brasileiros. Nosso racismo nunca foi nem é como o americano, o alemão, o sul-africano ou o argentino. A diferença é óbvia e está na origem de nossa constituição étnica: não temos identidade racial, somos miscigenados; somos ao mesmo tempo ninguém e todo mundo.

"Quando é que, no Brasil, se pôde falar de uma etnia nova, operativa? Quando é que surgem brasileiros, conscientes de si, senão orgulhosos de seu próprio ser, ao menos resignados com ele?", pergunta-se Darcy Ribeiro em seu *O Povo Brasileiro* (1995). E responde: "isso se dá quando milhões de pessoas passam a se ver não como oriundas dos índios de certa tribo, nem africanos tribais ou genéricos, porque daquilo haviam saído, e muito menos como portugueses metropolitanos ou crioulos, e a se sentir soltas e desafiadas a construir-se, a partir das rejeições que sofriam, com nova identidade étnico-nacional, a de brasileiros".

O País só não é uma democracia racial à medida que também não é uma democracia econômica-social. Tudo o que Gilberto Freyre afirma, com muito acerto, é que a origem do racismo brasileiro encontra-se no modelo reproduzido pelas elites brancas desde o Brasil colônia. Apesar do constante estado de guerra em que viviam brancos portugueses e negros africanos naquele período, diz ele, não se pode esquecer que esse fato "não excluiu nunca a miscigenação nem a atração sexual entre as duas raças, muito menos o intercuro entre as duas culturas".

O simples fato de que, no Brasil, a discriminação pela cor da pele não se distingue da segregação pela condição social do indivíduo, já muda tudo. E muda para melhor, por mais irônica que possa soar essa afirmativa. Uma coisa é ser segregado por sua constituição genética — inalterável e não escolhida. Outra coisa é ser discriminado por uma condição passível de mudança, ainda que fundada na injustiça.

Racista no Brasil de hoje é o empresário que quer loira sua secretária, o publicitário que veta o modelo negro no comercial de televisão, a polícia que trata todo negro como bandido. O modelo vem de cima e se reproduz até mesmo em tentativas bem-intencionadas de análise do preconceito. Exemplo disso é a extensa pesquisa sobre esse tema realizada este ano pelo Datafolha.

A *Folha de S. Paulo*, jornal do qual sou colaboradora, não mediu esforços para concretizar, neste ano em que se comemora o tricentenário da morte de Zumbi, uma iniciativa digna de aplausos: a mais completa cobertura jornalística sobre racismo já feita no Brasil por um órgão de imprensa. Não obstante isso, e como observou o professor Milton Santos no suplemento *Racismo Cordial* (*Folha de S. Paulo*, 25.06.1995), na cobertura da *Folha* pode ter prevalecido antes uma estratégia de marketing do que um trabalho social de combate ao preconceito.

Seja como for, a sociedade brasileira é indiscutível exemplo de tolerância racial. Não se aplicam aqui nem a realidade do racismo estrangeiro nem os padrões de combate importados dessas realidades. A passeata organizada recentemente em Washington, Estados Unidos, pelo líder muçulmano negro Louis Farrakhan, não nos comove e nem deveria. Já passou por nós há muito tempo, entre os anos de 1807 e 1835, quando da Revolta dos Malês, em Salvador, Bahia. Nossos muçulmanos-negros — diferentemente dos propósitos étnico-religiosos dos americanos — tinham por único objetivo a destruição do sistema escravista, conforme aponta o historiador Décio Freitas em *A Revolução dos Malês — Insurreições Escravas* (1975).

A tarefa de fazer Brasil, como bem disse Darcy Ribeiro, sempre pesou sobre a massa de brasileiros resultante da transfiguração de suas matrizes: a branca, a negra e a índia. Somos o país mais mestiçado do mundo. Nossa realidade histórica e cotidiana é essa. O racismo brasileiro existe, mas não impede que o zelador do prédio onde moro, um cearense puxado para índio, tenha se casado com uma negra paulista. Que o vizinho negro tenha namorada branca. Nem que na minha própria família haja negros, brancos e índios em igual proporção — e que o resultado sejamos nós, meus irmãos e eu, mestiços de muitas variantes, ou seja: natural e simultaneamente ninguém e todo mundo, com orgulho.

Marilene Felinto, 36, é escritora, autora de *Mulheres de Tijucopapo* (Editora 34, 2ª edição, Rio de Janeiro, 1991), *O Lago Encantado de Grogonzo* (Editora Imago, 2ª edição, Rio de Janeiro, 1991) e *Postcard* (Editora Iluminuras, São Paulo, 1990), entre outros. É articulista da *Folha de S. Paulo*.



# Rosa em ação, numa obra apaixonada.

**A trajetória luminosa de Rosa Luxemburg, num livro apaixonado e apaixonante.**

Rosa Luxemburg — Os dilemas da ação revolucionária, de Isabel Maria Loureiro. Coleção Prismas; Editora UNESP; 197 páginas; R\$ 22,00, com 25% de desconto para funcionários da UNESP.



MARCOS DEL ROIO

A Editora UNESP acaba de publicar mais um livro na coleção *Prismas*, dedicada a fazer conhecer uma parcela da produção intelectual da Universidade. Desta feita, temos a felicidade de ver ao alcance do público, especialmente aquele interessado na questão do socialismo e da teoria marxista viva, o livro da professora de Filosofia Política da Faculdade de Filosofia e Ciências do câmpus de Marília, Isabel Maria Loureiro, intitulado *Rosa Luxemburg — Os dilemas da ação revolucionária*. Na verdade, Loureiro toma o exemplo luminoso da grande revolucionária para discutir o decisivo tema dos dilemas da ação revolucionária em geral, que se colocam diante de toda vontade transformadora organizada ao se deparar com o objetivo do processo sócio-histórico. A virtude, para falar com Maquiavel, estaria em evitar, de um lado, o voluntarismo, que levaria ao destaque entre direção política e massas, estas sim os verdadeiros agentes da transformação, e, cedo ou tarde, à derrota, e de outro lado o fatalismo econômico, estimulador ele mesmo do voluntarismo ou então da paralisia do reformismo.

Esse livro de Loureiro transpira paixão pela vida, palavra-chave na exposição, pois mistura a experiência pessoal e político-cultural da autora com a revolucionária paixão pela vida de Rosa Luxemburg. Creio encontrar-se aí um dos motivos que torna esse livro utilíssimo para uma discussão sempre contemporânea, ao mesmo tempo que uma leitura muito agradável. O núcleo da reflexão de Loureiro é a ação teórico-oratória de Rosa na crise da social-democracia, durante a eclosão da Guerra, a Revolução Russa e, principalmente, a Revolução Alemã, a fim de analisar a tensão presente na ação revolucionária, entre o render-se à limitação de uma situação objetiva e o estimular a ação política das massas sem ter claro o caminho a ser trilhado. Esse, a segunda parte, o ponto forte do livro e o primeiro a ser redigido, segundo conta a própria autora.

Numa cuidadosa exposição analítica (segundo seus pressupostos) das circunstâncias que envolveram o movimento operário alemão e suas tendências, Loureiro demonstra que a vontade revolucionária atingiu apenas uma pequena fração radicalizada, com a qual Rosa preferiu permanecer até o fim trágico, mesmo percebendo que o voluntarismo da maioria de seus companheiros spartakistas-comunistas apontava para a derrota, em vez de render-se ao "realismo" da maioria reformista, a quem a idéia de revolução fazia pavor. Não foi encontrada a solução para a questão da emancipação de um sujeito histórico que não quis se constituir como tal pela ação política revolucionária, embora Rosa, com sua morte, tenha procurado manter unidos o conhecimento científico da realidade com a utópica fé num porvir emancipado para a humanidade.

Mas, para entender os limites da ação revolucionária de Rosa Luxemburg, assim como sua particularidade, Loureiro precisou proceder a uma análise de toda a



**CIÊNCIA E UTOPIA**  
**Rosa: conhecimento da realidade e fé na emancipação da humanidade**

trajetória político-intelectual, desde a influência de Marx e Lassalle, onde localiza a matriz e os emblemas das tensões que perpassam a vida dessa grande expoente

do marxismo, até a teoria do imperialismo, passando pela greve de massa e a questão russa. Algumas das mais discutíveis e polêmicas questões desse precioso trabalho



**A AUTORA**  
**Isabel Loureiro: experiência pessoal e político-cultural**

de Isabel Loureiro, e que perpassam toda a argumentação, encontram-se nessa primeira parte, que serve de fundamentação para a análise do fracasso da revolução na Alemanha. Destaca-se a tese de que a ação revolucionária de Rosa opor-se-ia tanto ao reformismo social-democrático quanto ao bolchevismo, decorrendo daí a refutação de teses que tentam aproximá-la de um outro desses campos, através de uma visão liberal de democracia ou então de uma visão puramente instrumental e técnica. Que Rosa haja resvalado eventualmente para o fatalismo econômico ou para o voluntarismo misturado com fé ilimitada nas massas, restam poucas dúvidas; mas o essencial é que, para se opor ao economicismo reformista, a exemplo de Lenin, ela promoveu um resgate da dialética histórica, definindo, ambos, um corte epistemológico que permitiu o "renascimento do marxismo", no dizer de Lukács, e por consequência a recolocação da questão da vontade transformadora no campo da ciência, remoção que havia sido perpetrada pelos reformistas.

Para criar a imagem de uma Rosa nem social-democrata nem bolchevique (como carinhosamente está escrito na dedicatória do meu exemplar), Loureiro resvala para uma discutível e pouco aprofundada visão de um Lenin possivelmente blanquista, que pensa e faz a revolução como imposição a massas inertes e passivas (p. 34). Uma visão um pouco caricata da interpretação de Lenin da revolução de 1905, que de maneira alguma se diferenciava dos menchevíques "apenas" pela classe que deveria dirigir o processo, mas também por uma perspectiva que articulava os limites objetivos do capitalismo russo com a situação internacional, notadamente na Alemanha. Feita a redução do pensamento de Lenin, o passo seguinte, que me parece igualmente forçado, é a aproximação teórica de Rosa com Trotski, esquecendo-se que o naturalismo histórico desse último não lhe permitiu resolver a questão da ação revolucionária, por não encontrar mediação entre o desenvolvimento do concreto e a subjetividade.

Como o livro é mais interessante que minha capacidade de me ater ao espaço desse texto, gostaria ainda de ressaltar que, segundo penso, o porque das diferenças entre os dois ensaios de Lukács sobre Rosa, contidos no *História e Consciência de Classe*, deveria ter sido mais aprofundado, pois como está, a exemplo de Lenin, o filósofo húngaro ocupa um papel cujas pesadas responsabilidades são insuficientemente explicitadas. Mas como polêmica é a vida, e esta é dialética, este livro de Loureiro deverá chamar a atenção de todos os que se mantêm atados à "tentativa dramática de manter unidos o que é com o que pode ser".

Marcos Del Roio é professor do Departamento de Ciências Políticas e Econômicas da Faculdade de Filosofia e Ciências do câmpus de Marília.



# A ciência, entre a ética e a filosofia.

**Gérard Fourez investiga, aqui, o papel do cientista como cidadão, pesquisador e receptor das últimas descobertas.**

OSCAR D'AMBROSIO

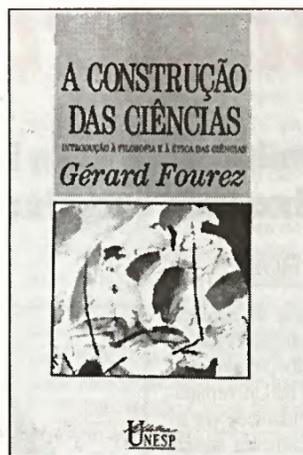
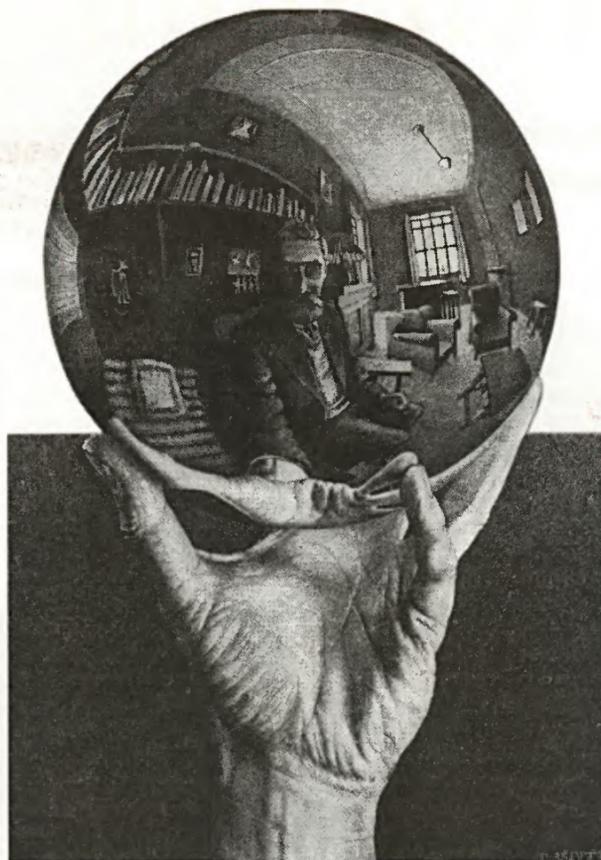
O que é prática científica e como ela se insere na vida social e coletiva? Deve ser tratada como um Parnaso de iluminados ou como um esforço permanente vinculado a um projeto humano historicamente determinado? A ciência comporta a criatividade ou é escrava da sociedade?

Gérard Fourez, filósofo, matemático e doutor em física teórica e professor da Universidade de Namur, procura responder essa e outras perguntas ao longo de *A Construção das Ciências*, texto que transita com desenvoltura entre a filosofia e a ética.

A leitura gera uma reflexão quanto ao papel do cientista como pesquisador, como receptor das últimas descobertas e como cidadão que deve encontrar maneiras de participação para não ser engolido pela burocracia. Inicialmente, Fourez argumenta que os fatos científicos nunca são neutros. Estão ligados a uma linguagem e a uma cultura. Portanto, deve-se caminhar no sentido de retirar da ciência qualquer poder de verdade absoluta, evitando a tecnocracia.

A ciência é construída por seres humanos. Estes são mais importantes do que qualquer teoria que se julgue imutável e prene. O importante é verificar que um número finito de observações gera infinidade de teorias possíveis. Cada modelo, por sua vez, está ligado a um imaginário cultural.

Fourez conclui que a observação e a teoria científicas são realizadas por sujeitos social e politicamente situados que perseguem determinados projetos individuais e coletivos. Surge então o risco de uma comunidade científica burocratizada e excessivamente vinculada a idéias abstratas. O filósofo também deixa claro que a tão elogiada interdisciplinaridade funciona melhor quando há a prática de negociações entre diversas áreas para resolver problemas concretos do cotidiano. A ciência passa então a ser vista como



**A Construção das Ciências**, de Gérard Fourez. Editora UNESP; tradução de Luiz Paulo Rouanet; capa de Moema Cavalcanti; 319 págs.; R\$ 29,00, com 25% de desconto para funcionários da UNESP.

uma organização social historicamente situada que produz e estrutura saberes.

A ciência, excetuando casos isolados como Descartes, seria cada vez mais uma instituição social em que há múltiplas verdades. A questão central é que todo conhecimento científico é uma forma de poder que engloba aspectos tecnológicos e hierárquicos.

O principal alerta de Fourez é em relação à tecnocracia. Quanto mais complexas as tecnologias, mais ficam em mãos de

especialistas. Cabe à sociedade a escolha de mecanismos que permitam o controle das consequências dessas técnicas e a decisão daquelas que devem ser implementadas. Debates sociopolíticos precisariam ser estimulados dentro de uma visão da construção evolutiva da ciência e da ética. Fourez alerta que há diferenças importantes entre o "relativo" e o "sem importância". Admitir a existência de múltiplas verdades não significa eliminar critérios éticos.

Interpretações monolíticas da realidade

devem ser evitadas para que a ciência possa realmente contribuir para o progresso da humanidade. É preciso cuidado com visões reducionistas puramente econômicas, muito voltadas para o papel das mulheres como um grupo dominado ou preocupadas apenas com a falta de domínio dos seres humanos sobre seus meios de produção.

Fourez se preocupa muito mais em alertar sobre os elos entre a ética e o sentido do que em defini-la. Cita desde a "justificação pela fé" em São Paulo à idéia de "rebanho" de Nietzsche, gerando um rico diálogo que prova a validade da tese central do autor: "a decisão ética e a análise científica geralmente se confundem".

O autor gera numerosas reflexões, levando o leitor a ter certeza de que a ciência é muito mais do que "um conjunto organizado e sistemático de conhecimentos" e de que a ética ultrapassa a simples conceitualização de estudar "o que o homem deve fazer na vida". Ciência e ética se interpenetram e dialogam, no mínimo, com mais duas áreas: a psicologia e a filosofia.

Oscar D'Ambrosio é crítico literário e autor de *Mito e Símbolos em Macunaíma* (Selinunte Editora, 1994).

## Dilemas do liberalismo

**Cientista segue passos do capitalismo pela Europa do século XX**

Poucos termos têm conotações tão amplas como liberalismo. Em síntese, engloba um conjunto de idéias e doutrinas políticas e econômicas que visam assegurar a liberdade individual no campo da política, da moral e da religião dentro da sociedade.

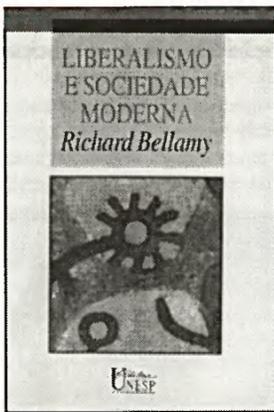
Em *Liberalismo e Sociedade Moderna*, Richard Bellamy aborda como a ideologia liberal, ao longo do século XX, perdeu força eleitoral como partido específico, mas prevaleceu e cresceu como "teoria básica ou conjunto de proposições e sentimentos de um tipo supostamente neutro e universal que domina o espectro ideológico do pensamento político". Professor de Política da Universidade de East Anglia (Inglaterra), Bellamy afirma que a hipótese básica liberal é o desenvolvimento comunitário em uma direção que conduza à harmonização dos diferentes planos de vida individuais. Portanto, a ética liberal de mercado é oposta ao egoísmo que costuma vigorar na prática cotidiana do chamado capitalismo selvagem.

O livro acompanha os passos do capitalismo pela Inglaterra, França, Itália e Alemanha. Revela como o Estado deixou de ser um mecanismo de preservação de uma elite patriótica comprometida com deliberações

racionais sobre o bem comum, passando a ser instrumento dos abusivos interesses econômicos que inicialmente buscava restringir.

O liberalismo ético, moldado pelos ingleses Herbert Spencer e J.S. Mill, é superado pelo econômico. Itália e Alemanha, com menor tradição liberal, assumiram um perfil econômico de caráter corporativista e estatal bem distante das origens do pensamento ético liberal britânico. No início do século XX, o livro "Liberalismo" (1911), de L.T. Hobhouse, ganha destaque na Inglaterra justamente por defender um maior controle da vida social pelo Estado no sentido de obter o apoio das classes trabalhadora e média sem comprometer os princípios liberais tradicionais.

Bellamy mostra que os liberais franceses tinham preocupações idênticas. Te-



**Liberalismo e Sociedade Moderna**, de Richard Bellamy. Tradução de Magda Lopes; Editora UNESP; 467 págs.; capa de Moema Cavalcanti. R\$ 32,00, com 25% de desconto para funcionários da UNESP.

miam a degeneração de sua doutrina em um individualismo econômico grosseiro e assinalavam a importância da participação política contínua para manter um mínimo de espírito público. O liberalismo italiano difere do inglês e do francês, pois sua elite não era uma burguesia empresarial, mas proprietários de terras progressistas que não desejavam desafiar os privilégios das elites, mas adaptá-los aos seus interesses. Para isso, usavam táticas autoritárias e centralizadoras, que conduziram ao fascismo.

Na Alemanha, surge um liberalismo desencantado. Seu maior representante é Max Weber (1864-1920), que verificou como a coalizão da burguesia com a aristocracia prussiana resultou na adoção de uma política social reacionária e de um

sistema de relações industriais que isolava o operariado.

Weber temia os efeitos culturais de uma grande difusão da burocracia. Observava ainda que a rotinização do trabalho, no escritório e na fábrica, embrutecia a vida do assalariado. Como a improvisação e o julgamento racional perdiam espaço perante os líderes populares carismáticos, o pensador alemão defendia um Parlamento atuante para combater a demagogia política. A ascensão dos regimes arbitrários europeus de direita e de esquerda, nas décadas de 1920 e 1930, parecia decretar o fim dos valores liberais no mundo moderno. Porém, após a Segunda Guerra, houve uma renovação da defesa das idéias e dos métodos liberais, especialmente nos EUA e na Inglaterra.

Bellamy conclui que o liberalismo "deve permanecer importante nas condições modernas". O rumo proposto é o liberalismo democrático, possível com instituições que preservem a liberdade individual e grupal por meio da distribuição do poder dentro de princípios, permitindo com isso a articulação de necessidades e ideais que tenham como base a cooperação mútua. Este mecanismo seria a única forma de o liberalismo atuar na sociedade moderna.

Oscar D'Ambrosio

**ARAÇATUBA**

20/11 a 1º/12. XI Curso de Capacitação para Cirurgiões-Dentistas do Programa Nacional de Assistência Odontológica Integrada a Pacientes Especiais. Entre os temas, análise comportamental do paciente especial, fonoaudiologia, higienização bucal e paralisia cerebral. Das 8h às 17h30. No Centro de Assistência Odontológica a Excepcionais da Faculdade de Odontologia (FO). Informações (018) 622-4125 e 623-2120, ramal 116.

**ARARAQUARA**

8 e 9/11. III Show Prata da Casa. Apresentação artística de docentes, alunos e funcionários. Às 20h. Na Faculdade de Odontologia (FO). Informações (016) 232-1233.



12 a 17/11. Ortodontia Preventiva (atualização). Teórico, prático e laboratorial. Das 8h às 18h. Na FO. Informações (016) 232-1233.

14 e 15/11. 9ª Jornada Acadêmica Prof. Fábio B. de Abreu e Lima. Apresentação de trabalhos de alunos. Às 20h. Na FO. Informações (016) 232-1233.

16 e 17/11. 12º Encontro Regional de Química. No Instituto de Química (IQ). Informações (016) 232-2022, ramais 116, 121 e 126.

17/11. Espalhamento Raman Intensificado por Superfície: Princípio e Aplicações. Seminário geral do curso de pós-graduação em Química. Por Joel Camargo Rubin. Às 16h. No IQ. Informações (016) 232-2022.

20 a 25/11. IV Semana de Valorização do Doador de Sangue. Exibição de vídeos, distribuição de folhetos educativos, montagem de postos para orientação e cadastramento de doadores, entre outras atividades. Na Faculdade de Ciências Farmacêuticas (FCF). Informações (016) 232-1233, ramal 142.

24 e 25/11. II Jornada Paulista de Plantas Mediciniais. Entre as palestras, "Plantio e cultivo de plantas medicinais", "Fitoterapia na rede pública" e "Plantas medicinais em cosmetologia". Com pesquisadores da UNESP, USP, UFRRS e de O Boticário, entre outros. Dia 24, das 8h às 19h, e dia 25, das 9h às 12h. Na Faculdade de Ciências e Letras (FCL). Informações (016) 232-2022, ramal 116, e 232-0200, ramal 290.

**BAURU**

6 a 18/11. Cálculo de Campos Elétricos e Magnéticos por Métodos Computacionais (extensão). Por Naasson Pereira de Alcântara Jr. Das 19h30 às 22h30. Na Faculdade de Engenharia e Tecnologia (FET). Informações (0142) 30-2111, ramal 194.

7 a 9/11. 6ª Semana de Psicologia Organizacional. Relato de experiências de alunos estagiários da área de organizacional. Das 8h30 às 21h30. No Departamento de Psicologia da Faculdade de Ciências (FC). Informações (0142) 30-2111.

7 a 28/11. Abacaxicultura Prática. Transmissão e atualização sobre variedades, propagação, fitoreguladores e custo de produção. Às terças e sextas, das 7h30 às 12h. Na FC. Informações (0142) 30-2111, ramal 123.

**AGENDA**

RELAÇÃO DE EVENTOS PROMOVIDOS PELAS UNIDADES DURANTE O MÊS DE NOVEMBRO

**BOTUCATU**

24 e 25/11. 96ª Jornada Dermatológica Paulista. Organizado pelo Departamento de Dermatologia e Radioterapia da Faculdade de Medicina (FM) e Sociedade Brasileira de Dermatologia. Presenças de Sebastião A. Prado Sampaio (USP) e Antonio C. Pereira Júnior (UFRJ). Dia 24, das 20h às 22h. Dia 25, das 8h às 12h. No Salão Nobre da FM. Informações (0149) 22-4922.

**ILHA SOLTEIRA**

1/11. Syntesis and Electrical Properties of non Conventional Polymers. Palestra com Giuseppe Casabore Miceli (Itália), Joseph Miller (Inglaterra) e Jonas Gruber (USP). Às 9h, na Faculdade de Engenharia (FE). Informações (018) 762-3113, ramal 129.

6/11 a 7/12. Autocad R12 For Windows (2D) (extensão). Às segundas, terças e quintas, das 12h às 14h. No Laboratório Didático Computacional da FE. Informações (018) 762-3113, ramal 140.

6 a 10/11. Manutenção Preditiva Usando Análise de Vibrações. Das 8h às 18h. No Departamento de Engenharia Mecânica da FE. Informações (0186) 62-3113, ramal 138.

6/11 a 10/1. Comando e Proteção em Baixa Tensão (extensão). Com Dalgerti Lelis Milanez, José R. S. Mantovani e Carlos N. Sasano. Das 8h às 18h. No Departamento de Engenharia Elétrica da FE. Informações (018) 762-2125, ramal 22.

9 e 29/11. VIII Ciclo de Seminários da Agronomia. Dia 9, "Perspectivas do melhoramento do milho no Brasil", por José B. de Miranda Filho (ESALQ-USP). Dia 29, "Plásticos: aplicações e perspectivas", por Walter Sakamoto (FE). Das 16h às 18h. No Anfiteatro da Agronomia. Informações (018) 762-2179.

20/11 a 01/12. Compressores, Bombas e Sistemas de Ar Comprimido. Das 8h às 18h. No Departamento de Engenharia Mecânica da FE. Informações (0187) 62-3113, ramal 138.

21 a 29/11. Eletrônica Digital II. Por Ricardo Tokio Higuti e Suely Mantovani. Das 8h às 18h. No Departamento de Engenharia Elétrica da FE. Informações (018) 762-2125, ramal 22.

**JABOTICABAL**

17 a 29/11. Produção de Leite. Aspectos técnicos. Coordenação de Paulo F. Vieira. Das 8h às 18h. Na sala 31 da Central de Aulas. Informações (016) 323-1322.

20 a 21/11. A Cultura do Coqueiro no Estado de São Paulo. Dia 20, das 9h às 12h, "Propagação, tratamentos culturais e colheita"; das 14h às 15h, "Comercialização"; das 15h30 às 17h, debate. Dia 21, às 6h, saída para Monte Azul Paulista (aula prática). Na FCAV. Informações (016) 323-1322, ramais 230 e 224.

**MARÍLIA**

6 a 10/11. Tela da Tarde — Conferências com apresentação de filmes. Dia 6, "Mahabharata", de Jean-Claude Carrière e Peter Brook, por Carlos A. da Fonseca (FFLCH-USP). Dia 8, "Satyricon de Fellini", por Cláudio Aquati (Ibilce-UNESP). Dia 9, "O Júlio César de Shakespeare: uma herança da preta-ta latina", por Zélia de A. Cardoso (FFLCH-USP). Dia 10, "Reinterpretação Cinematográfica de um mito grego — Orfeu", por Ariovaldo A. Peterlini (FFLCH-USP). Às 19h30. Na Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC). Informações (0144) 33-1844.

9 e 10/11. 2ª Jornada de Iniciação Científica. Entre os trabalhos, "Leitura e expressão escrita em Biblioteconomia", "Organização da informação", "Tecnologias da informação" e "Educação especial". Haverá mesas-redondas. Das 9h às 18h. Na FFC. Informações (0144) 33-1844, ramal 177.

20 a 24/11. 1º Encontro Brasileiro Internacional de Ciências Cognitivas. Entre os temas, inteligência artificial, linguagem natural, psicologia cognitiva e semiótica. Com Donald Peterson (Inglaterra), Joseph Margolis (EUA), Maria Luisa Freyre (Argentina), Raimo

Tuomela (Finlândia) e Rita Nolan (EUA). Das 9 às 22h. Na FFC. Informações (0144) 33-1844, ramal 133.

**P. PRUDENTE**

14 a 18/11. IV Encontro para Discutir Qualidade em Educação Física e Esporte e I Congresso de Iniciação Científica de Educação Física da Faculdade de Ciência e Tecnologia (FCT). Entre os temas, "Qualidade em educação física e esporte brasileiro na atualidade", "A formação do profissional", "O trabalho com portadores de deficiência física e mental" e "Nutrição". Com José Guimarães Mariz de Oliveira, Pedro Ângelo Pagni, Paulo Roberto Brancatti, Antonio Lancha Jr. e a jogadora de basquete Paula, entre outros. Haverá ainda os cursos "Ginástica em academia", "Biomecânica e exercício" e "Educação Física escolar". Das 8h30 às 22h. Na FCT. Informações (0182) 21-5388.



**RIO CLARO**

6 a 9/11. IV Simpósio de Geologia do Sudeste. O evento, atividade conjunta do Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE) e da Sociedade Brasileira de Geologia, abordará três temas: "Minerais industriais e seus produtos", "Geologia ambiental" e "Ciclos tectono-sedimentares fanerozóicos da Região Sudeste". Haverá cursos entre 4 e 6 de

novembro. Após o simpósio, excursões a jazidas de minerais industriais e o exame de ciclos tectono-sedimentares da Bacia do Paraná. No Grande Hotel São Pedro, em São Pedro. Informações (0195) 34-0522.

**S. J. RIO PRETO**

8 a 10/11. 7º Encontro do Grupo de Literatura Comparada (GALC). Dia 8, às 9h, "Leituras de Whitman no Brasil", por Maria C. B. Paro; "O rito de passagem e sua função no texto literário", por Julian Nazário; e "Arcimboldo 'num bairro moderno': a construção fantástica do real", por Maria H. Dias. Às 14h, "O reino do pouco e a ilha de Próspero", por Sílvia M. da Silva Claro; "A ideologia em textos comparados", por Thomas Bonnici e "Tradução como reescritura: é possível uma sistematização?", por Cristina C. Rodrigues. Dia 9, às 9h, "Arquitetura da memória", por David Arrigucci Jr. Dia 10, às 9h, "A leitura da história no Romantismo e no Realismo", por Guacira M. Machado. "Literatura e economia: um estudo sobre o encilhamento", por Norma Wimmer; e "Décor de pintor e ilusão na fundação da modernidade", por Lúcia Fachin. A partir das 9h. No Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce). Informações (017) 224-4966, ramal 269.

9 a 14/11. Bases Físicas dos Ecossistemas da Região de Bonito e Pantanal Matogrossense (extensão). Com Max Brandt Neto e Flávio Manzini (Ibilce) e Paulo César Boggiani e Massao Uetamaro (UFMS). No Departamento de Química e Geociências do Ibilce. Informações (017) 224-4966, ramal 233.

21 a 24/11. I Simpósio sobre Eliminação de Resíduos Sólidos. Palestras às 14h e às 20h. Entre os temas, "Um quadro geral sobre resíduos sólidos", "Destinação final de resíduos não recicláveis", "Coleta seletiva e compostagem" e "Consórcio de lixo e bolsa de materiais". Com Aziz Ab'Saber (SBPC), João Fusaro (Servisan), Paula Vaz Miranda (AEASP), João de Araújo Neto (Sebrae) e Maria Cristina de Carneiro (BNDES), entre outros. No Ibilce. Informações (017) 224-4966, ramal 241, e 233-1116.

24/11. Ciclo de Seminários de Matemática Aplicada e Computacional. "Aplicação da transformada de Hough para detecção e caracterização de microcalcificações vermiformes e anclares", por Aledir Silveira Pereira. Às 14h. Na sala 1N do Ibilce. Informações (0172) 24-4966.

**SÃO PAULO**

7/11. Master Class de Interpretação Pianística (Clássicos e Românticos). Por Fábio Luz. Promoção do Departamento de Música e Movimento Ritmo e Som. Às 9h. No IA. Informações (011) 274-4733, ramais 239 e 220.

10 e 11/11. Encontro de Educação Musical "Vamos nos Conhecer". Por Marisa Fonterrada. Dia 10, das 13h às 18h, e dia 11, das 9h às 17h. No Instituto de Artes (IA). Informações (011) 274-4733, ramais 239 e 220.

23/11. Musicologia e Teoria Feminista. Palestra com Susan McClary (Minnesota, EUA), promoção da pós-graduação do IA e Movimento Ritmo e Som. Às 10h. No IA. Informações (011) 274-4733, ramal 234.

**SÃO VICENTE**

8/11. Prazo final para inscrições aos cursos de extensão gratuitos e dedicados a professores da rede pública de ensino: A Legislação Fundamental do Magistério na Escola Pública (de 11/11 a 2/12, aos sábados, das 8h às 13h) e Elementos de Geologia e Geomorfologia (teórico e prático, dias 11 e 18/11 e 2, 9 e 16/12, das 8h às 18h). No Centro de Ensino e Pesquisa do Litoral Paulista (Cepel). Informações (013) 469-7682.

**A branquinha entra em discussão**

Com quase dois bilhões de litros por ano, a cachaça encabeça a lista dos destilados mais consumidos no Brasil, uma posição que tem estimulado até mesmo os pequenos e médios produtores a investirem em exportação. Esta iniciativa, no entanto, tem esbarrado num grave problema: a qualidade da pinga produzida por eles, em geral, ainda deixa muito a desejar e a bebida tem encontrado dificuldades para deixar o País. Para tratar do assunto, a Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias (FCAV), em Jaboticabal, promoverá, entre os dias 9 e 10 de novembro, o II

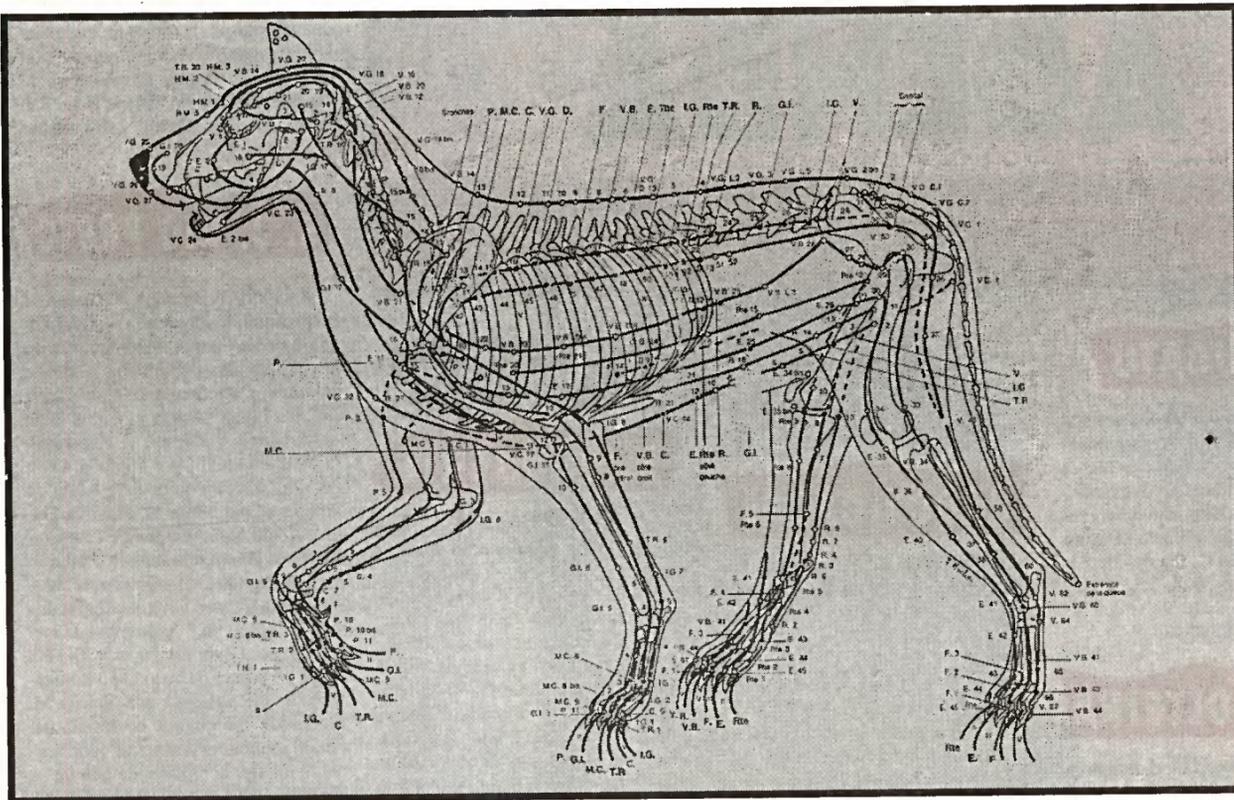


SIMPÓSIO Da cana vem a pinga: coleta certa

Simpósio Sobre Produção de Aguardente. "O objetivo é atualizar os conhecimentos de produtores e técnicos para que produzam

uma bebida de boa aceitação, aumentando inclusive sua lucratividade", explica Márcia Justino Mutton, docente do Departamento de Tecnologia da FCAV e uma das coordenadoras do evento.

Durante o simpósio, serão tratados temas como fermentação alcoólica, destilação do vinho, qualidade do destilado final e mercado e legislação da aguardente. Uma palestra especial abordará a matéria-prima da cachaça. "O correto tratamento da cana, incluindo a colheita em época adequada, é tão importante quanto o processamento industrial e o armazenamento e envelhecimento da bebida", afirma Márcia. O seminário é promoção dos Departamentos de Tecnologia e Fitotecnia da FCAV, em parceria com a Sociedade dos Técnicos Açucareiros e Alcoolheiros do Brasil (STAB). Maiores informações poderão ser obtidas pelo telefone (016) 323-1322.



**A picada da agulha**

A acupuntura (do latim *acus*, agulha, e *punctura*, picada) vem sendo utilizada na China há 5 mil anos. Difundida na Europa pelos navegadores, os franceses foram os primeiros ocidentais a usá-la, no século XVIII. Passou a ser aplicada sistematicamente, no Brasil, há pouco mais de 20 anos. A terapêutica consiste em aplicar agulhas em vários pontos espalhados pelo corpo, para restabelecer o equilíbrio energético entre as forças antagônicas e complementares chamadas pelos chineses de *yin* e *yang*. Essas forças, quando em desequilíbrio, provocariam doenças. De acordo com os especialistas, a aplicação das agulhas não só trata como também previne as patologias.

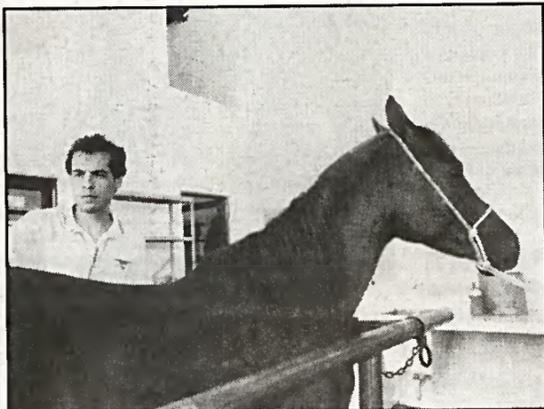
# Bicharada alternativa

**As agulhas da acupuntura e as gotículas da homeopatia levam saúde aos animais**

**O** embate parece injusto. De um lado, toda a tecnologia de ponta e equipamentos sofisticados da medicina ocidental. De outro, as pequenas agulhas da acupuntura e as gotículas da homeopatia. Mas as aparências, também neste caso, enganam. A comparação entre as duas terapêuticas parece despropositada, mas não é. Há inúmeros relatos de casos dados como perdidos pela medicina tradicional, alopatia, que tiveram final feliz depois de um período de tratamento com as agulhas da acupuntura ou com os recursos da homeopatia. Os sucessos têm sido tantos, e tão significativos, que mais e mais pessoas têm optado por esses métodos, sobretudo na recuperação de doenças crônicas respiratórias e dermatológicas, inflamações, dores na coluna e enxaquecas. Com base na observação desses resultados, a acupuntura e a homeopatia passaram a ser usadas, também, e com igual sucesso, na veterinária.

O médico veterinário anestesista Stelio Luna, do Departamento de Cirurgia e Anestesia Veterinárias da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia (FMVZ), câmpus de Botucatu, conta, entusiasmado, como conseguiu salvar, por meio da homeopatia, uma potranca de um ano que sofria de epilepsia: "Percebi que os sintomas da doença eram semelhantes aos do envenenamento por chumbo", lembra o anestesista, que é doutorado pela Universidade de Cambridge, na Inglaterra. Luna aplicou, então, o princípio básico da homeopatia, segundo o qual "semelhante cura semelhante", e ministrou doses mínimas de chumbo ao animal. "Em questão de segundos, a potranca levantou-se e, desde então, não sofreu outra crise."

Desde que reversíveis, todas as doenças, segundo Luna, podem ser tratadas por essas terapêuticas. No caso do câncer, por exemplo, consegue-se aumentar o tempo de vida e diminuir as dores do animal. "Mas dificilmente se conseguirá curar um desses males com esses dois processos", garante. Em Botucatu, ele vem realizando cirurgias veterinárias usando com sucesso a acupuntura como anestesia. "Nos pequenos animais, como o cachorro, gato ou coelhos, funciona muito bem", explica. "Nos de maior porte, como bois e cavalos,



**SEM CRISES**  
Stelio Luna: acupuntura contra a epilepsia

a coisa se complica. Apesar de não sentir nenhuma dor, o animal fica consciente durante a cirurgia e pode se assustar com barulhos, luz ou conversa, dificultando o trabalho do cirurgião.

**TERAPÊUTICAS HOLÍSTICAS**

Stelio Luna vem desenvolvendo no câmpus várias pesquisas interdepartamentais. Uma delas é a analgesia com agulhas em cadelas cujos partos exigem cirurgias cesarianas. Os recém-nascidos têm, além de seus reflexos, os sistemas respiratório e cardiovascular avaliados e são mais alertas, mamando mais rápido que os nascidos sob anestesia peridural. Para o veterinário, essas terapêuticas são *holísticas*, ou seja, tratam o paciente como um todo, e não de forma fragmentada, como na alopatia. "O médico tem conhecimento do enfermo por inteiro, e não apenas do órgão doente", argumenta.

Mas nem tudo são flores para os adeptos da acupuntura e homeopatia. Apesar dos inegá-



**SEM CONTRA-INDICAÇÕES**  
Maria do Carmo: economia com a homeopatia

veis sucessos, e do reconhecimento pelo Conselho Federal de Medicina (a homeopatia, em 1980, a acupuntura, este ano), essas terapêuticas ainda hoje são vistas com desconfiança por alguns médicos, veterinários ou não. Márcio Kuchembuck, do Departamento de Clínica de Grandes Animais, da FMVZ, por exemplo, acha que tudo não passa de embuste. "A maioria dos que praticam essas terapêuticas são profissionais pouco experientes e menos preparados em clínica veterinária", avalia. Kuchembuck só aceita a analgesia por acupuntura porque, segundo ele, "tem base científica".

A médica veterinária, formada há nove anos pela FMVZ, com especialização em acupuntura no Japão e na China, Elizabete Shimizu vê contradição na opinião de Kuchembuck: "Se ele aceita a anestesia por esse processo, tem de acreditar na terapêutica como um todo, já que ela trabalha com os sistemas nervoso e hormonal". Shimizu evita discussões sobre a validade das medicinas. Para ela, o médico moderno é aquele que sabe encaminhar o animal doente ao

melhor tratamento, seja alopatia, homeopata, ou acupuntura. "Não importa os meios que se use, mas os que levem à cura", resume.

**ALERGIAS E FERIDAS**

Em sua clínica, em São Paulo, Shimizu trata da cadela "Luluzinha", mestiça terrier de três anos e meio, com alergia, feridas pelo corpo, aversão às mulheres e um comportamento acovardado desde os quatro meses de idade. "Luluzinha" chegou lá depois de passar por vários tratamentos tradicionais, à base de cortisona e muito antibiótico, sem nenhum resultado. Com três aplicações das agulhas da acupuntura, a cadela apresentou melhoras: as feridas e a alergia sumiram e ela tornou-se extremamente sociável.

O presidente da Associação de Médicos Veterinários Homeopatas Brasileiros, Célio Morooka, por sua vez, atende os cavalos do Clube Hípico de Santo Amaro, em São Paulo, e não esconde a emoção ao narrar o completo restabelecimento de um puro-sangue inglês. "O animal não obedecia aos comandos, moradia os outros cavalos e era extremamente irrequieto", lembra Morooka. O médico veterinário ministrou ao animal doses diárias de noz vômica CH<sub>200</sub> (estricnina). "Após 30 dias, o bicho saltava obstáculos, galopava sob comando e se portava tranquilamente", comenta.

A médica veterinária Maria do Carmo Arenales, também formada em Licenciatura em Ciências Físicas e Biológicas — na então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Presidente Prudente, hoje Faculdade de Ciência e Tecnologia da UNESP —, compartilha a opinião de seus colegas e fala das vantagens econômicas da homeopatia. Segundo ela, um tratamento com antibiótico, no combate de uma inflamação durante 15 dias, custa em média R\$ 200,00. Na homeopatia, a cura da mesma doença não ultrapassa os R\$ 10,00. Maria do Carmo lembra ainda que é preciso acabar com a falsa idéia de que o tratamento homeopata é demorado. "Se a doença é tratada no início, desaparece em poucos dias", garante. "Agora, é evidente que, se for uma patologia com dois ou três anos de duração, vai demorar mais tempo".

Celso Góes

**Saúde em gotas**

**A** homeopatia foi criada no final do século XVIII pelo médico alemão Samuel Christian Friedrich Hahnemann. Usando os conceitos do grego Hipócrates (460-377 a.C.), conhecido como o "Pai da Medicina", Hahnemann aperfeiçoou a teoria dos semelhantes: substâncias com poderes de provocar doenças podem ser usadas para curar outras que apresentem os mesmos

sintomas. Por exemplo, numa virose com quadro de vômito, diarreia com sangue e prostração, usa-se o *arsenicum album*, veneno que, ingerido puro, provoca os mesmos sintomas. Mas, para que a terapêutica funcione, a substância precisa ser diluída e dinamizada (agitada) várias vezes. O medicamento se torna mais energético à medida que se vai repetindo essa operação.